

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

— conexão —

Literatura

Junho / 2019

nº 48

www.revistaconexaoliteratura.com.br

DICAS DE LIVROS,
ENTREVISTAS COM
ESCRITORES,
CONTOS, CRÔNI-
CAS E MUITO MAIS

O PRAZER NA LEITURA

FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES



SUMÁRIO

JUNHO DE 2019

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Crônica: "A Arte Transforma Vidas!", por Luiza Moura, pág. 05
Poema: "Potencial 3", por Terezinha de Oliveira Nogueira da Costa, pág. 09
Crônica: "Pound e o ABC da Literatura", por Gilmar Duarte Rocha, pág. 10
Dicas de livros: págs. 15 e 16
Artigo Científico: Literatos Mirins e Adolescentes da Escola Brasileira de Educação Básica do Século XXI, por Marcos Pereira dos Santos, pág. 18
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 26
Ensaio: Cultura e Natureza: Patativa do Assaré e a Filosofia da Arte de Friedrich Von Schelling, por André Henrique Mendes Viana de Oliveira, pág. 27
Entrevista com o escritor José M. S. Freire, pág. 37
Entrevista com o escritor Fernando Neves, pág. 41
Conto: "Amor Infinito", por Míriam Santiago, pág. 44
Conto: "Eu Vi Um Jabuti Comendo Jabuticaba", por Roberto Leon Ponczek, pág. 48
ESPECIAL ROBERTO SCHIMA
Crônica: "Homo Digitus e a Era da Magia", pág. 53
Conto: "O Senhor das Abelhas", pág. 57
Conto: "Retalho Intangível", pág. 64
Conto: "Matizes de Penumbra", pág. 67
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 75

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa e diagramação: Ademir Pascale.

Patrocinam esta edição:

Míriam Santiago - Roberto Schima - Roberto Leon Ponczek - Marcos Pereira dos Santos - Gilmar Duarte Rocha - André Henrique M. Viana de Oliveira - Luiza Moura - Terezinha de O. Nogueira da Costa - José M. S. Freire e Fernando Neves

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fanpage: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



EDITORIAL

Mais do que um prazer, a leitura é uma necessidade. Desbravar novos mundos. Obter conhecimento. Descobrir novos horizontes e aprender a questionar.

"A leitura é para o intelecto o que o exercício é para o corpo" - J. Addision

Pratique o hábito da leitura ;)

Estamos nas redes sociais com atualizações diárias. Siga-nos e fique por dentro do que acontece no mundo da literatura:

Facebook: @conexaoliteratura

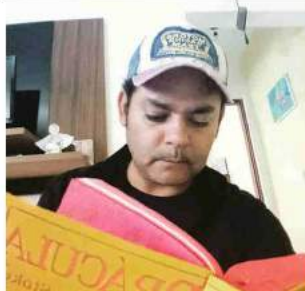
Twitter: @ademirpascale

Instagram: revistaconexaoliteratura

Para publicar, divulgar sua obra ou anunciar em nosso site ou próxima edição, visite: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html>

Acesse

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe





por Luiza Moura

A Arte transforma vidas!

Crônica

Antes de mais nada acho importante uma pequena apresentação: sou Luiza Moura de Souza Azevedo, Enfermeira, estudante de Psicanálise e, antes de 2018 eu nunca havia pensado que um dia estaria fazendo poesias, compondo músicas ou escrevendo livros. Mas hoje estou aqui participando do universo literário, com livros publicados, músicas registradas e poesias percorrendo o mundo todo. Tenho apenas alguns meses nesse caminho, mas muitas produções e reconhecimentos importantíssimos. É maravilhoso ver que as pessoas estão gostando desse trabalho e acho muito gratificante ouvir delas que tenho servido também como inspiração. Posso dizer na prática como a arte transforma vidas!

Eu estava passando por uma fase muito difícil da minha vida e em um momento de muita tristeza, eu, pequena aprendiz das coisas da vida, tive a oportunidade de ser apresentada por Deus a um grande poeta e escritor que me despertou o interesse pela poesia. Tenho visto desde então mudanças significativas na minha forma de ver a vida e percebo como isso também faz diferença para todos que entram em contato com esse universo. A princípio conheci o amarelo e toda poesia envolve nisso, que posteriormente converti ao **“AmarElo”**, por entender que amar é elo e essa é a lição mais importante que pretendo repassar por onde eu for.

Tento levar a arte para todos os meus contextos de vida atualmente e, tanto com a Enfermagem quanto com a Psicanálise, ou mesmo de forma geral, no contexto de saúde, incluindo saúde

mental, tenho visto grandes transformações e de fato o “remédio para a alma” é mais revigorante que o “remédio para o corpo”. Óbvio que o corpo físico continua merecendo atenção, mas é o “invisível” o responsável pela resposta final.

O corpo responde bem tanto ao receber arte, quanto ao produzi-la.

"AmarElo
 Entre verde e vermelho
 Quente e frio
 Esperança e fraqueza
 Alegria e irritação
 Vida e morte
 Luz oxidada do Van Gogh
 Pureza sagrada
 Cura e destruição
 Tão ambíguo e contraditório
 Mas o que seriam dos perfumes sem ele?!
 AmarElo com a luz do sol e a felicidade
 Das casas amarelas da Rússia
 Aos lares aconchegantes
 115 tons
 Sol de um mundo sem nuvens
 AmarElo entre o efêmero e o eterno
 Jamais se esquece que amar é elo...
 Amarelo."



Luiza Moura

(Publicada na Antologia Poética Internacional Vol. IV- Cogito Editora.)



Luiza Moura é natural de Feira de Santana/BA, Enfermeira, Hipnóloga e Hipnoterapeuta. Pós-graduada em Saúde Pública e Enfermagem do Trabalho. Estudante de Psicanálise Clínica e Psicanálise Infantil e Perícias Forenses. Com cursos de Francês e Inglês avançados e Espanhol intermediário. Também Compositora e Produtora Fonográfica. Publicou pela editora Mente Aberta o livro *Bordejos Poéticos* em conjunto com outros escritores e participou também do Livro: *Antologia Poesia Agora*, editora Trevo, São Paulo. Com participações confirmadas nas antologias da editora Cogito como *Cogito Internacional v. IV*, *Mundo Infantil*, *Kama – Contos e Poemas Eróticos v. 2*, *Imagens da Paisagem* e *Focus XIV*, todas para este ano. Participações também no livro *Inspiração em verso V*, pela editora Futurama e; *Antologia Poética, Poesia Brasil 2019*, pela Vivara Editora Nacional. Instagram: [@luiza.moura.ef](https://www.instagram.com/luiza.moura.ef)

Amar é Aceitar com Coragem o Grande Desafio de Recomeçar



Yasmin é uma garota romântica que vive em Fortaleza, até que um dia, por acaso, conhece Sam, um homem encantador. Foi amor à primeira vista. Porém, no auge desse amor, acontece uma tragédia que a deixa em uma profunda depressão. Quando ela já havia perdido as esperanças de ser feliz novamente, uma reviravolta acontece. "Quando dois corações se encontram" traz a história de uma mulher que precisa vencer os fantasmas do passado se quiser reencontrar a felicidade.

Disponível
nas principais
livrarias do país,
como Amazon, Cultura,
Saraiva, Curitiba, Leitura,
Travessa e Martins Fontes.

POTENCIAL 3

POR TEREZINHA DE OLIVEIRA NOGUEIRA DA COSTA

Cada vez que pego um grande jornal
eu tremo,
Será que tem de novo apenas uma
linha?
Por que o Potencial 3 a grande im-
prensa discrimina?
Eu já vou dizer: dá a comunicação
para o demo.

Falantes e cúmplices no Sarau da pe-
riferia,
O Potencial 3 é respeitado pelos seus
pares,
Por que não foi convidado para o Jô
Soares?
Se eu fosse o Jô seu palco lhe conce-
deria.

O jornalista não precisa saber o que
fazer,
Para ganhar dinheiro para bem
comer,
Um fato mal analisado lhe dá de
comer,
Academia fake edita a edição do ama-
nhecer.

Leitor, controle imediatamente sua
palidez,
O jornalista não dá o Potencial 3 a co-
nhecer,
Daí a desimportância de quem
cumpre seu dever:
Vinte e um anos de pé na estrada do
rap, forever.

Terezinha de Oliveira Nogueira da Costa, 61 anos, nascida em Bauru/SP, tradutora de francês (UnB) 1986, publiquei o livro de poesias *Motivos*, em 1980, em forma mimeográfica. Publiquei um livro de poesias, intitulado *Fluindo fui indo*, sem data. Em 2018, publiquei uma poesia na revista online *Voz da Literatura*, nº 5, em setembro.



Pound

e o ABC da Literatura

por Gilmar Duarte Rocha

Crônica

Um escritor que se propõe a apresentar a sua obra com o título de “ABC da literatura” certamente deve ser questionado mediante o maniqueísmo “é gênio ou louco?”. Tratando-se o autor do livro com o presunçoso título de, nada mais, nada menos, do que **Ezra Weston Loomis Pound**, nascido americano no estado de Idaho, em 1885, e morto cidadão do mundo, em Veneza, Itália, em 1972, podemos escolher a primeira qualificação (gênio) sem nenhuma hesitação, levando em consideração que a sua poesia transcendeu as regras do convencionalismo; emulou em vanguardismo com gigantes do verso como Dante Alighieri e Goethe e inaugurou a corrente literária chamada de poesia modernista.

Ezra Pound desde cedo mostrou as garras contra o establishment, escrevendo e compondo na contramão do gênero lírico; levantando bandeiras a favor da vanguarda

e cavando trincheiras contra o tradicional, o conservador e o lugar-comum.

Fã incondicional do conterrâneo Walt Whitman, autor do clássico “Flores de relva”, começou a publicar poesias ainda em solo americano, causando espanto imediato em críticos, amantes da poesia e professores e inovadores do gênero como William Carlos Williams.



Ezra Weston Loomis Pound

Conforme o crítico Jose Lino Grünewald mencionou na introdução da edição em português do famoso clássico do poeta “Os cantos”, editora Nova Fronteira, 2006, “Williams, também poeta-inventor e o seu primeiro grande amigo, desde o período da Universidade da Pensilvânia, procurara conhecer o inaudito colega que causara confusão no recinto, contestando os saberes do professor. A partir daí, já começara tudo — a revolução do que se entende por poesia, feita por um homem só, ou melhor, um só poeta”.

A América então, impregnada ainda com o ranço quacker, ficou pequena para o talento e as ambições do jovem erudito, que migrou para a Europa, passando pouco tempo em Londres e depois indo desaguar as suas lavas incandescentes em Veneza, Itália, onde publicou o seu primeiro livro “A lune spento”, em 1908. Daí em diante, seguiram-se outros escritos instigadores como “Personae” e “Exultations”, 1909; “The spirit of romance”, 1910; “Canzoni”, 1911; “The sonnets and ballats of Guido Cavalcanti” e “Risposts”, 1912; “Cathay”, em 1915; “Lustra”, “Gaudier-Bzerska”, estudos sobre as peças “Nô” do Japão, em 1916; por fim, sua primeira publicação de “Os cantos” I a III, em Nova York, 1917, e outra versão mais apurada em 1925, na Itália.

Com “Os cantos”, um livro explicitamente inspirado em Homero, o prestígio de Pound avançou múltiplos patamares, alçando-o à fama e abrindo portas e

contatos importantes, como o consagrado poeta irlandês William Butler Yeats, que o rotulou de “vulcão solitário”, um dístico usado pelo renomado professor e escritor John Tytell, para dar título ao seu livro que versa sobre vida e obra de Pound, obra vencedora do prêmio Pulitzer (Ezra Pound, the solitary volcano – Doubleday, 1987).

Pound, após revolucionar a poesia moderna, continuou como um vulcão em permanente erupção, mantendo atividade em tudo que se relacionava à área literária da Europa pós-Primeira Guerra Mundial, passando a atuar também como empresário, agente e patrocinador de expoentes das letras como James Joyce, Wyndham Lewis, T.S.Elliot e Ernest Hemingway, este último, inclusive, presta reconhecimento ao trabalho do mecenas com o seguinte texto: “... Pound consagra, digamos, um quinto do seu tempo à poesia, e, o restante, a ajudar seus amigos, do ponto de vista material e artístico.

Defende-os, quando são atacados, consegue-lhes publicação nas revistas e tira-os da prisão. Empresta-lhes dinheiro, vende seus quadros. Apresenta-os a mulheres ricas.”

Eliot, por seu turno, submeteu os rascunhos do seu clássico “The waste land” a Pound, que realizou cortes profundos na obra sem contudo descaracterizá-la, merecendo o elogio do protegido com a dedicatória “for Ezra Pound, il miglior fabbro (A Ezra Pound, o melhor artífice)”.

A partir da década de 30, na medida em que a sua produção literária perde fôlego, suas posições políticas ganham força, optando pelo obscuro caminho de apoio e apologia ao fascismo de Mussolini e ao antissemitismo de Hitler, atuação que lhe custou muito caro após o desfecho da grande tragédia bélica do século XX.

Pound foi preso após o conflito e libertado em razão do protesto de diversos artistas e intelectuais, tendo sido repatriado logo em seguida.

O período que compreendeu os quinze anos seguintes de sua vida tornou-se literalmente um inferno, tendo sido internado por incapacidade mental e impossibilitado de produzir ou criar quase nada. O vulcão agitado de outrora parecia agora extinto para a eternidade.

No entanto, após a retirada da acusação de traição à pátria em 1958, Ezra Pound retornou gradativamente à ativa e cuidou em dar consequência aos seus “Cantos” e a trabalhar em outros escritos, entre eles o pouco conhecido “ABC da literatura” (em inglês “ABC of reading”), cujo esboço ele traçou em 1934, mas que lançou efetivamente em 1970, tendo sido recentemente traduzido para o português brasileiro por Augusto de Campos (Editora Cultrix, 2013).

Como quase toda obra do “bardo de Veneza”, apesar de não ser livro de poesia, e sim um arremedo de ensaio, o texto se desenrola livre e fragmentado. Nele, Pound desliza despreocupadamente sua verve e erudição, ministrando conselhos a poetas diletantes e tecendo analogias entre poemas e músicas, que aliás foi o binômio que galvanizou a construção do seu clássico “Cantos”.

Em “ABC da literatura” ele tece comentários, digressões e abstrações interessantes, algumas verdadeiras pérolas como:

“É muito difícil ler um romance policial duas vezes, em outras palavras somente um policial muito bom será passível de releitura, após um longo intervalo, e isso porque a gente prestou tão pouca atenção a ele que já esqueceu completamente a sua história”.

Ou,

“Dante diz: uma canzone é uma composição de palavras postas em música”, que Pound explica em seguida: “A afirmação de Dante é o melhor ponto de partida para começar uma peça de poesia porque ela faz o leitor ou o ouvinte partir daquilo que ele efetivamente vê e ouve”.

Ou,

“A linguagem é o principal meio de comunicação humana. Se o sistema nervoso do animal não transmite sensações e estímulos, o animal se atrofia”. Se a literatura de uma nação entra em declínio, a nação se atrofia e decai”.

Em suma, a obra de Ezra Pound, como a de todo gênio, não pode e nunca será definida e qualificada de maneira definitiva, muito menos em linhas curtas e textos de caráter “en passant”. Aos que apreciam uma poesia desafiadora e intrigante, fica aqui a recomendação para se debruçar em cima do legado literário do Vesúvio ítalo-americano, um gigante adormecido.



Ezra Weston Loomis Pound
(Hailey, 30 de outubro de 1885 —
Veneza, 1 de novembro de 1972)

Gilmar Duarte Rocha, escritor brasileiro, nascido na região cacauzeira da Bahia, autor de obras de ficção, livro de impressões de viagem, artigos, crônicas e coletâneas publicadas em diversas revistas literárias, propõe-se a criar um novo estilo de fabulações, juntamente com outros artistas que conjugam do mesmo pensamento. Integrante da ANE-Associação Nacional de Escritores e IWA-Associação Internacional de Escritores, sediada em Ohio, Estados Unidos, está aberto a ideias que promovam uma maior integração da sociedade com os livros e com a mídia de ficção de forma ampla. Nosso objetivo maior é trazer uma gama de milhões de brasileiros para o universo literário.

Gilmar tem formação em Engenharia de Sistemas, Tecnologia da Informação, Economia e Contabilidade.

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL



FANPAGE: + DE 57 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 37 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

**Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publeditorial, capa da revista etc**

**Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com**



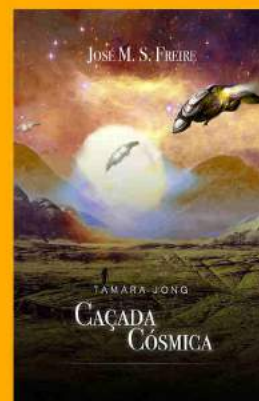
Jogo de Cena
Andrea Nunes

Acesse



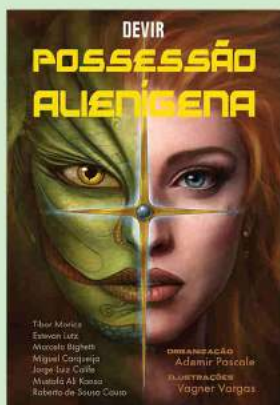
O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe
Ademir Pascale

Acesse



Caçada Cósmica
José M. S. Freire

Acesse



Possessão Alienígena
Ademir Pascale (org)

Acesse



Vestígios
Sandra Abrano

Acesse



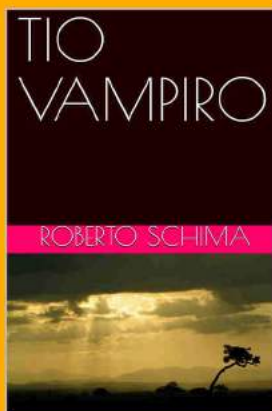
Uma Noite no Castelo
Cida Simka e Sérgio Simka

Acesse

“Então vem sempre aquela voz me dizer que: o começo é sempre hoje.”
– Mary Shelley

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





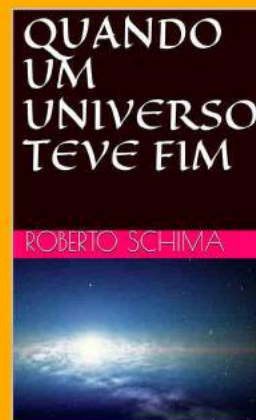
Tio Vampiro
Roberto Schima

Acesse



Grooom!!!
Roberto Schima

Acesse



Quando um universo teve fim
Roberto Schima

Acesse



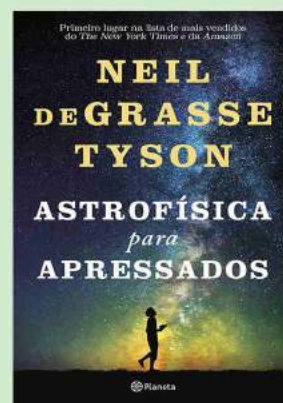
Inocência em busca do grande homem
Valdi Ercolani

Acesse



As Filhas do Capitão
Maria Duenas

Acesse



Astrofísica Para Apressados
Neil de Grasse Tyson

Acesse

“Que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho.”
– Clarice Lispector

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



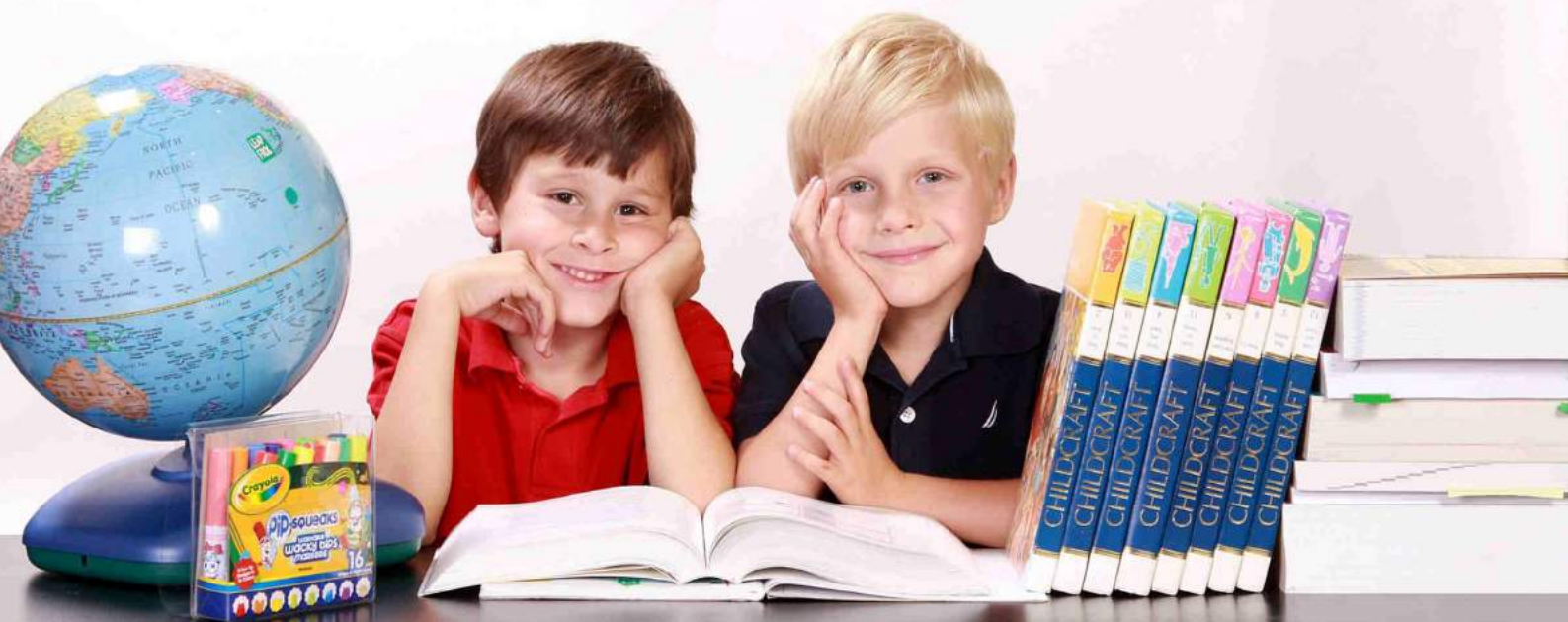
LIVRODESTAQUE

www.livrodestaque.com.br

Especialista em
divulgação de livros
e autores

AND THIS IS HOW IT IS
we go home
and we shut our doors
we don't sleep with them open
for fear the world sees in
really sees us
sees our pain
sees our mess
sees the things we can't brush into place
see our broken hearts
we don't open our doors wide
turn the spotlight on
my, "I haven't done laundry in a week. My girlfriend
"I'm not sleeping."
the white door
the
night.

LITERATOS MIRINS E ADOLESCENTES NA ESCOLA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO SÉCULO XXI



por Marcos Pereira dos Santos

Possibilidades didático-pedagógicas e metodológicas para transformar os pequenos em 'gigantes' da literatura

Artigo Científico

Educação, escola, literatura, professores, crianças e adolescentes: uma relação amigável!?

Tendo como base esta assertiva introdutória, apresentada propositalmente em forma de enunciado linguístico de cunho exclamativo-indagativo, faz-se mister salientar, *a priori*, que o presente artigo acadêmico, de abordagem qualitativa de pesquisa científica, tem como função principal efetuar (breves) análises crítico-reflexivas concernentes a algumas possibilidades didático-pedagógicas e metodológicas que a escola brasileira de Educação Básica do século XXI pode e deve realizar junto aos educandos-literatos mirins e adolescentes no intuito de transformá-los, segundo suas potencialidades individuais e seus conhecimentos linguísticos, em 'gigantes' da Literatura, isto é, em célebres literatos de renome nacional e/ou internacional.

Dizemos isso, porque rememoramos fazendo menção a importantes ícones da Literatura Brasileira e da Literatura Portuguesa, a exemplo de: Ziraldo, Maurício de Souza, Dalton Trevisan, Marina Colassanti, Monteiro Lobato, Castro Alves, Cecília Meireles, Olavo Bilac, Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Orígenes Lessa, Manuel Bandeira, Mário Quintana, Dias Gomes, Vinícius de Moraes, Oswald de Andrade, Fernando Sabino, José de Alencar, Álvares de Azevedo,

Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Fagundes Varela, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay, Machado de Assis, Eça de Queirós, Antero de Quental, Aluísio Azevedo, Raul Pompeia, Camilo Pessanha, Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimaraens, Lima Barreto, Euclides da Cunha, Augusto dos Anjos, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Fernando Pessoa, Ferreira de Castro, Ariano Suassuna, Umberto Eco, Luiz de Camões, Franklin Távora, Ferreira Gullar, Almeida Garret, Guerra Junqueiro, Rubem Braga, dentre inúmeros outros. (FARACO; MOURA, 1993; MARTINS; LEDO, 2004; MARTINS, 2006)

À guisa de apontamentos preliminares, é profícuo esclarecer, de antemão, os reais significados dos termos *mirim* e *adolescente*, a fim de sanar possíveis dúvidas ou confusões conceituais alusivas aos mesmos.

Grosso modo, a palavra *mirim* (originária de *mi'ri*, em língua indígena tupi-guarani) pode ser definida, segundo Chiaradia (2008, p.95), como o “substantivo-adjetivo de dois gêneros, referindo-se a algo ou alguma coisa de tamanho reduzido, pequeno, minúsculo, pequenino, menor; bem como o termo popular e genérico designado a uma pessoa que ainda é criança, infantil, pueril, novo, novato, amador”.

Nesse contexto, os vocábulos *criança* e *adolescente* são compreendidos, em linhas gerais, como:

* *Criança*: do latim *creantia*, é um ser humano que está no início de seu desenvolvimento e que se encontra na fase da infância, a qual vai do nascimento à puberdade. É, portanto, uma pessoa que ainda tem poucos anos de vida. Tais seres humanos são chamados *recém-nascidos* (do nascimento até um mês de idade); *bebês* (entre o segundo e o décimo-oitavo mês de vida), e *crianças propriamente ditas* (quando têm entre dezoito meses até onze anos de idade). Também se chama *criança*, de forma generalizada (sem mencionar o sexo), a um menino ou a uma menina, ou ainda ao filho ou à filha de alguém. [...] Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, durante o mandato do então presidente da República Federativa do Brasil Fernando Affonso Collor de Mello (1990-1992), é considerada *criança* a pessoa com idade inferior a doze anos de idade.

* *Adolescente*: a palavra “adolescência” tem origem no latim, onde *ad* = “para” e *olescere* = “crescer”. Portanto, adolescência significa literalmente “crescer para”. Trata-se de o indivíduo que se encontra em processo de maturação, de amadurecimento, e que, portanto, ainda não alcançou todo o vigor e desenvolvimento humano. [...] Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), adolescente é a pessoa cujo período de vida se estende dos dez aos dezenove anos de idade. Já para o ECA, adolescente é definido como o sujeito que tem entre doze a dezoito anos de idade. (PAGANINI; DEL MORO, 2009, p.2-3)

Posto isto, podemos dizer que Literatura, palavra de origem latina – *littera*, que significa *letra*, diz respeito a um conjunto de diferentes textos escritos (de cunho descritivo, narrativo e dissertativo), sejam eles de um país, de uma personalidade, de uma época, etc., que são produzidos em situações, circunstâncias e realidades sociais, históricas, políticas, econômicas, religiosas e culturais distintas de modo subjetivo e como objeto de conhecimento científico por pessoas consideradas letradas, isto é, os *litteratos*: escritores(as), poetas, poetisas, contistas, trovadores(as), cronistas, haicaístas, aldravianistas, teatrólogos(as), dramaturgos(as), cordelistas, repentistas, romancistas, críticos literários, dentre outros; de modo que alguns deles podem ser classificados como autênticos *profissionais* (técnicos/especialistas que trabalham com literatura como ofício/profissão) ou *amadores* (não técnicos/especialistas, ou seja, indivíduos que se dedicam à arte literária somente como *hobby*, diversão, passatempo, fonte de prazer e entretenimento).

Todavia, é na escola brasileira de Educação Básica, isto é, da Educação Infantil ao Ensino Médio (BRASIL, 1996), onde podem ser encontrados alguns literatos mirins e literatos adolescentes, haja vista que muitos deles, enquanto literatos amadores, a princípio, leem, escrevem e declamam poesias/poemas, crônicas, contos, trovas, haicais, tautogramas, sonetos, aldravias, acrósticos, romances, cordéis, aforismos e muitos outros textos de diferentes estilos/gêneros literários; demonstrando assim grande entusiasmo e interesse pela área de Literatura. Vale a pena atentarmos para o teor das mensagens poéticas (muitas vezes em tom épico, ficcional, de lirismo, epeias, sátiras, romances (“amores platônicos”), dramas, elegias, duetos, tercetos, prosas poéticas, etc.) contidas em diários individuais, agendas pessoais, cadernos de anotações, textos de *e-mails* e recados postados em *whatsapp*, *twitter*, *orkut*, *facebook*, *instagram* e em tantos outros modernos aparatos tecnológicos que são muito usuais por crianças, adolescentes, jovens e adultos nos dias atuais.

Diante de tais constatações, cabe aos pais, na seara familiar, e à escola, em particular, no âmbito da sala de aula e por meio de gestores(as) escolares, supervisores(as) e orientadores(as) educacionais, coordenadores(as) pedagógicos(as), pedagogos(as), psicopedagogos(as), educadores(as), professores(as) e bibliotecários(as) escolares, por exemplo, identificar, apoiar e auxiliar os literatos mirins e adolescentes, incentivando-os e ajudando-os ao máximo possível a aflorar o seu dom divino ou a sua vocação para a(s) arte(s) literária(s).

Outrossim, trata-se, pois, de realizar uma espécie de “pente-fino” ou “caça-talentos” na família e/ou na escola, cabendo a esta última, como instituição socioeducativa (FELIZ; SANTOS, 2018), por excelência, a função precípua de cuidar, educar, ensinar, socializar/democratizar saberes e conhecimentos científicos, bem como de transformar, na medida do possível, os literatos mirins e os literatos adolescentes – amadores até então – em excelentes literatos profissionais; consoante as potencialidades, possibilidades, limitações e perspectivas de cada um deles, as políticas públicas educacionais vigentes, as demandas sociais, o (competitivo) mercado de trabalho e a indústria cultural.

Nesse sentido, corroboramos com Santos (2019a) ao postular enfaticamente que compete tanto à família quanto à escola na qual se encontram os literatos mirins e

adolescentes a, inclusive, ajudá-los financeiramente (se for o caso e como melhor aprouver) a participar de diversos eventos literários (saraus, rodas de conversa, bate-papos com escritores, antologias, cantatas, cafés literários, encenações teatrais, etc.) e científicos (comunicações orais, oficinas literárias, cursos, minicursos, palestras, *workshops*, apresentações de pôsteres, dentre outros). Isto fará com que os literatos mirins e adolescentes possam cada vez mais desenvolver o seu talento artístico, a sua imaginação criativa, o hábito de leitura, a capacidade criadora, o senso crítico, a análise reflexiva e as suas inúmeras habilidades e competências artístico-literárias, as quais, por vezes, (ainda) estão ocultas, reprimidas ou sublimadas em sua *psyché*, em seu ego (Eu interior), em sua memória ou em seu coração; enfim.

Contudo, a escola de Educação Básica também pode e deve, de forma deveras especial, promover e motivar constantemente os literatos mirins e adolescentes a participar de diferentes eventos artísticos, literários e científicos dentro e fora do estabelecimento de ensino, objetivando o crescimento pessoal, as relações interpessoais, o amadurecimento psicológico, o desenvolvimento cognitivo, a destreza nos atos de escrever e falar (oratória), a socialização, a sociabilidade, o conhecimento de mundo e de outras realidades sociais, e a interação com outras personalidades artístico-literárias (contistas, cronistas, trovadores(as), poetas, poetisas, músicos, dançarinos(as), atores, atrizes, repentistas, cordelistas, dramaturgos(as), haicaístas, aldravianistas, cineastas, pintores(as) de obras de arte (sacras e não sacras), escultores(as), ilustradores(as), compositores(as) de músicas, artesãos(ãs), *designers*, desenhistas, projetistas, etc.) existentes no âmbito interno e externo de instituições escolares e não escolares, seja em nível local, regional, nacional e, quiçá, internacional.

É urgente e necessário, portanto, romper paradigmas sociais e educacionais, barreiras e fronteiras; abrindo-se ao mundo, ao novo, ao inusitado e ao desconhecido até então.

Isto implica afirmar, em outras palavras, que é de incumbência primaz das escolas brasileiras de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, bem como dos gestores educacionais, supervisores e orientadores escolares, coordenadores pedagógicos, pedagogos escolares, psicopedagogos institucionais, educadores, arte-educadores, educadores, bibliotecários escolares e docentes que nelas desenvolvem suas atividades profissionais de administração/gestão pedagógica, ensino e pesquisa científica, estimular os educandos para a aquisição do hábito de leitura, incentivando-os a participar de diversos eventos literários e culturais, bem como propiciar condições favoráveis no espaço escolar e na sala de aula para que os mesmos exercitem cada vez mais o seu potencial artístico-literário, a sua imaginação, o seu senso crítico-reflexivo e a sua criatividade subjetiva (que é individual, única e deveras valorosa) no âmbito das Artes em geral, e, principalmente, na área de Literatura (infantil, juvenil e infanto-juvenil).

Para tanto, torna-se imprescindível que os profissionais da educação em geral tenham clareza do seguinte:



[...] a escola não é uma simples agência de atividades espontâneas, mas o local onde a língua verbal oral e a língua verbal escrita humanas são sistematizadas e transmitidas como valores privilegiados de cultura. [...] Por outro lado, é de fundamental importância *desmistificar a noção de literatura como “arte divina da palavra”*. Esta proposta trabalha no sentido de *propiciar ao aluno meios de ensino a fim de que ele também se coloque em condições de fazer literatura*, de perceber pelo menos as condições em que se dá a criação literária. (GONÇALVES FILHO, 1990, p.13-14; grifos nossos)

Nesta perspectiva, consideramos ser importante trazer a lume, com base em estudos científicos efetuados especificamente por Frantz (2007), Kirinus (2008), Ortencio (2004) e Santos (2019), e a título de recomendações ou sugestões, algumas atividades práticas de viés didático-pedagógico e metodológico que possibilitam à escola brasileira de Educação Básica, em geral, e principalmente aos docentes das disciplinas curriculares de Língua Portuguesa, Redação e Literatura Brasileira transformar os literatos mirins (aqui entendidos como as crianças de cinco a onze anos de idade) e os literatos adolescentes (faixa etária compreendida dos doze aos dezoito anos) em verdadeiros ‘gigantes’ da Literatura, a exemplo de alguns célebres literatos de renome nacional e/ou internacional; cujos nomes foram mencionados no início deste artigo acadêmico-científico.

Assim sendo, no Ensino Fundamental I, que compreende os Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano – antigas 1ª a 4ª séries) com alunos de seis a dez anos de idade, podem os professores deste nível de ensino propor aos aprendizes as seguintes atividades práticas visando despertar ou aprimorar neles o seu potencial artístico-literário: desenvolvimento de brincadeiras e jogos educativos infantis envolvendo cantigas de roda com temas folclóricos locais, regionais e nacionais; confecção de cartazes ilustrativos referentes à biografia e às principais obras literárias de escritores(as) (inter)nacionais da área de Literatura Infantil; realização de leitura comentada e interpretativa (uma vez ao mês) sobre diferentes livros de Literatura Infantil (fábulas, contos de fadas, mitos folclóricos, contos populares, lendas e histórias infantis); produção de pequenos textos literários (poemas/poesias, ditados populares, versinhos literários, tirinhas literárias, etc.); desenvolvimento de encenações teatrais sobre temas importantes da área de Literatura Infantil (dramatizações, representações de personagens utilizando materiais-sucata, monólogos, desenhos e teatro de fantoches); construção de móveis representativos de ícones/personagens de histórias infantis; dentre outras.

Em relação ao Ensino Fundamental II, que abarca os Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano – antigas 5ª a 8ª séries) com educandos de onze a quatorze anos de idade, sugere-se a proposição de atividades educativas tais como: produção de breves textos literários de estilo/gênero descritivo, narrativo e dissertativo; elaboração de poemas/poesias, fábulas, contos infanto-juvenis, acrósticos, cartas, bilhetes, avisos, recados e telegramas; declamações de poemas/poesias de autores(as) nacionais; realização de encenações teatrais (dramatizações, gestos, expressões faciais, falas de personagens, indumentárias, maquiagens, etc.); confecção de cartazes com desenhos, ilustrações,

figuras e reportagens literárias; realização de leitura analítico-interpretativa (a cada quinze dias) alusiva a diferentes livros da área de Literatura Infanto-Juvenil; montagem de mural literário no pátio da escola; construção de varal poético em sala de aula; confecção de maquetes representativas a fatos e personagens de histórias infanto-juvenis; dentre várias outras possibilidades.

No que tange ao Ensino Médio (geral/normal ou técnico-profissionalizante), com duração de três ou quatro anos a depender de cada escola e curso ofertado pela mesma, que compreende estudantes de quinze a dezoito anos de idade, recomenda-se que sejam propostas algumas atividades educativas de cunho prático, a saber: visitas técnicas a diversas Academias Literárias; produção de textos literários narrativos, descritivos e dissertativos; elaboração de poemas/poesias, contos juvenis, mitos folclóricos, crônicas, ensaios literários, acrósticos, aldravias, tautogramas, haicais, sonetos, duetos, tercetos, poematos, trovas (quadras ou quadrinhas), músicas, repentis, lendas urbanas, parlendas, autos literários, folguedos populares, ditos/ditados populares, adivinhas/adivinhações, fábulas, romances, literatura de cordel, cantigas, glosas, elegias, charges, tirinhas, aforismos, etc.; montagem de maquetes, plantas-baixas, fanzines, fantoches, móveis, pôsteres, *banners*, *slides* em *Power Point*, cartazes, *folders*, *workshops*, portfólios literários, exposições literárias, feiras de livros literários, oficinas literárias, cursos e minicursos literários, palestras e cantatas literárias, saraus literários e rodas de conversa literária envolvendo literatos adolescentes e escritores(as) locais e regionais; desenvolvimento de peças teatrais literárias (encenações, dramatizações e representações figurativas); declamações de poemas/poesias; realização (semanal) de leituras de livros concernentes à Literatura Juvenil; dentre inúmeras outras, conforme as necessidades identificadas.

Sem mais delongas, e num contexto de considerações finais, almejamos sinceramente que este artigo acadêmico-científico possa contribuir de forma direta ou indireta para a ampliação do arcabouço teórico existente nas áreas de Educação, Pedagogia, Literatura Brasileira e Metodologia e Prática de Ensino de Língua Portuguesa, bem como servir de valiosa fonte de estudos (individuais ou coletivos), pesquisas científicas e reflexões críticas aos profissionais da área educacional, literatos (amadores e profissionais) e demais pessoas interessadas em conhecer ou aprofundar seus conhecimentos sobre a temática abordada, haja vista que, segundo Gonçalves Filho (1990, p.15-33), não se pode relegar a segundo plano o fato de que:

Por sua vez, o ensino da Literatura – o universo de ponta do ensino da Língua – continua a provocar certo orgulho na espécie humana na medida em que a Literatura permanece como uma grande reserva de cultura, percebida como ideal de formação humana [...]. É lugar-comum ainda lembrar que o professor de Literatura é um “professor de civilização”. E, como consequência desse ideal de reserva, a literatura não se situa no território de sombras de uma tradição de cultura falida – algo feito para fruição e enfeite: ela é conhecimento produzido historicamente, além de ocupar, na prática cultural, um lugar de privilégio como exercício de liberdade, inquietação e perplexidade. Ao reconhecer o papel de destaque do ensino da

Língua e da Literatura, os legisladores da educação evocam a ideia de que a Literatura tem a “missão” de civilizar o homem na medida em que ela vai insinuando melhores formas de vida. A Literatura não só se nos oferece como objeto de conhecimento ou, como na prática pedagógica, como uma estratégia aberta para educar o homem: ela também se nos oferece como objeto de interrogação, de dúvida e de pesquisa. [...] No ensino, a literatura tem sido tratada como um universo de signos agradáveis, tranquilizadores e decorativos, que “ajuda” o aluno a escrever sem erros de sintaxe ou de ortografia, e indicar as datas de obras “principais” e a biografia dos seus autores e – o que é mais importante – a se preparar para ser um bom consumidor de “bens culturais”. [...] E em metodologia da Língua, portanto, o importante é articular diferentes modos didáticos de ensino e evitar a sua exclusividade. Com isso poderíamos superar “a ilusão do melhor” método didático e a duplicidade de escolhas entre a ênfase no conteúdo ou na atividade, dinâmica de grupo ou ensino individualizado, seminário ou aula expositiva, etc.

Referências

- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.
- CHIARADIA, C. **Dicionário de palavras brasileiras de origem indígena**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Língua e literatura**. 2º grau. v.1; 2 e 3. 13.ed. São Paulo: Ática, 1993.
- FELIZ, P. N.; SANTOS, M. P. Função socioeducativa da escola e suas relações com o contexto histórico da Grécia clássica. In: **Revista Científica Intelletto**. Venda Nova do Imigrante: Editora da FAVENI, v.3, n.1, p.56-68, jan./jun., 2018.
- FRANTZ, M. H. Z. **Vamos brincar com poesia?: atividades criativas com poesias**. 2.ed. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2007.
- GONÇALVES FILHO, A. A. **Língua portuguesa e literatura brasileira**. São Paulo: Cortez, 1990. (Coleção Magistério 2º Grau – Série Formação Geral).
- KIRINUS, G. **Criança e poesia na pedagogia Freinet**. 3.ed. São Paulo: Edições Paulinas, 2008. (Coleção Comunicar).
- MARTINS, P.; LEDO, T. O. **Manual de literatura: literatura portuguesa e literatura brasileira**. São Paulo: Editora DCL, 2004. (Coleção Guia Prático da Língua Portuguesa).
- MARTINS, R. **Literatura**. São Paulo: Editora Didática Paulista, 2006. (Coleção Atlas do Estudante).
- ORTENCIO, B. **Cartilha do folclore brasileiro**. 2.ed. Goiânia: Editora da UFG, 2004.
- PAGANINI, J.; DEL MORO, R. A utilização dos princípios do direito da criança e do adolescente como mecanismos de efetivação dos direitos fundamentais. In: **Revista Científica Amicus Curiae**. Santa Catarina: Editora da UNESC, v.6, n.6, p.1-13, jul./dez., 2009.
- SANTOS, M. P. O gênero textual-literário poesia: uma alternativa pedagógica para ensinar e aprender literatura brasileira na escola de educação básica. In: **Revista Conexão Literatura**. São Paulo: Editora CN, n.45, p.24-28, mar./2019.
- _____. Literatura(s) ao alcance de todos(as): os eventos literários como estímulo à leitura e democratização da cultura no Brasil. In: **Revista Conexão Literatura**. São Paulo: Editora CN, n.47, p.20-24, mai./2019a.



Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Pós-doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) – Ituiutaba/MG. Príncipe Real, Duque Paladino, Marquês, Embaixador, Comendador e Benfeitor Cultural. Pesquisador das áreas de Ciências da Religião e Ciências da Educação. Professor universitário em Ponta Grossa/PR. Literato (escritor, trovador, poeta, cronista, ensaísta, articulista, antologista, aldravianista e haicaísta ao estilo oriental). Membro fundador, titular, efetivo e correspondente imortal de várias Academias de Ciências, Letras e Artes em nível nacional e internacional. Na área literária, é (re)conhecido pelo pseudônimo de “Quinho Caleidoscópio” ou “Quinho Calidoscópio”, participando ativamente de diversas antologias literárias Brasil afora e conquistando importantes premiações, troféus, medalhas de Honra ao Mérito, certificações e moções de aplausos. Endereço eletrônico: mestrepedagogo@yahoo.com.br

conexão Literatura



Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

Grupo no Face: My Books

travelingbetweenpages.blogspot.com.br

dose-of-poetry.blogspot.com.br

dailyofbooks.blogspot.com.br

suka-p.blogspot.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

www.sugestoesdelivros.com

Grupo no Face: Os Escritores

www.encantoliterario.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.livreando.com.br

coleccionandoromances.blogspot.com.br

ateaultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

www.estatedowilson.com.br

miriammorganuns.blogspot.com.br

esoponovagao.blogspot.com.br

Grupo no Face: Notícias Literárias

www.cafeinaliteraria.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

Grupo no Face: Livro Destaque

www.submersaempalavras.com

Curta nossa Fanpage:
www.facebook.com/conexaoliteratura



CULTURA E NATUREZA



PATATIVA DO ASSARÉ E A FILOSOFIA DA ARTE DE FRIEDRICH VON SCHELLING

por André Henrique Mendes Viana de Oliveira

Ensaio

Se pararmos por um instante para pensar em quantos contextos diferentes a palavra cultura normalmente aparece, notaremos a diversidade de significados que ela pode tomar. Podemos dizer, por exemplo, que “a cultura nordestina é rica”, ou que “é preciso mais investimento para a cultura”, ou que “fulano possui uma vasta cultura”, etc. Muitas vezes essa falta de definição não prejudica a nossa comunicação e, por isso mesmo, não nos preocupamos tanto com uma definição mais rigorosa e precisa. Na maioria das vezes nos é suficiente saber que o termo remete a diversas formas de manifestação artística, e à algumas práticas que compõem nosso vasto quadro de tradições, costumes e criações, sejam elas escritas, orais, ritmadas ou não.

Todavia, independente da pluralidade de significados que o termo “cultura” recebe mesmo no âmbito da pesquisa científica, arriscamos afirmar que ele sempre é relacionado à pelo menos duas outras noções que nos ajudam a entendê-lo melhor. O conceito de *cultura* é geralmente relacionado ao de *natureza*; seja para contrapor o universo da cultura ao da natureza, seja para estabelecer entre eles uma relação de continuidade; e o termo cultura é também sempre relacionado a uma concepção de *ser humano*, na medida em que o ser humano é entendido como um animal diferenciado em relação aos demais, sendo que essa diferença residiria justamente no fato de que é o homem que possui e produz a cultura, ao passo que os outros animais não possuiriam esta característica, e portanto essa categoria não se aplicaria a eles.

Isto faz com que uma das preocupações centrais do estudo da cultura seja a respeito da sua origem. No livro *Cultura: um conceito antropológico*, do professor Roque de Barros Laraia, esta preocupação se expressa na seguinte pergunta: “como o homem adquiriu este processo extra-

somático que o diferenciou de todos os animais e lhe deu um lugar privilegiado na vida terrestre?” (LARAIA, 2005, p. 53). A cultura aqui é concebida como “processo extra-somático”, isto é, como processo que ultrapassa a dimensão corporal, ou que não se resume a ela. Tal processo teria não só nos diferenciado dos demais seres, como nos colocaria numa posição “privilegiada”.

Hoje é comum explicar a origem da cultura com base na ideia de que o que permitiu ao homem alcançar tamanha diferenciação foi o desenvolvimento de seu aparelho cerebral ao longo da evolução de nossa espécie. E, segundo alguns autores, o “início do desenvolvimento do cérebro humano é uma consequência da vida arborícola de seus remotos antepassados” (IBIDEM, p. 53). Para que pudessem sobreviver nossos antepassados primatas tiveram que adquirir um modo de vida que impulsionou o desenvolvimento de seus cérebros, e neste sentido “a cultura seria, então, o resultado de um cérebro mais volumoso e complexo” (IBIDEM, p. 54).

Ao lado da explicação da origem da cultura a partir da evolução do cérebro, um outro discurso comum a respeito da cultura é o que a contrapõe à natureza. Nessa forma de conceber a cultura, tudo o que o homem produz é cultural, ao passo que o que os outros animais produzem seria natural. Assim, nós humanos seríamos seres não só naturais, mas também culturais, pois a cultura seria algo, se não completamente diferente da natureza, pelo menos muito diferente, a ponto de não ser adequado compararmos-nos aos outros animais. O ato do João-de-Barro de construir sua “casa” seria um ato natural, fruto do instinto. Já o ato de um homem construir uma casa seria cultural, pois nisso estaria envolvido não só uma questão de sobrevivência, mas todo um conjunto de valores que teriam sido repassados pela sua formação familiar, social, etc.

Para esta concepção de cultura, o ser humano não seria um mero animal como os outros, mas uma espécie privilegiada, e vista até como superior, na medida em que pode produzir objetos que nenhum outro ser neste planeta é capaz. Não é preciso grande esforço para perceber que esta forma de olhar para a cultura como uma sobreposição da natureza tende a nos distanciar da mesma. Ver o homem como um animal “melhor” do que os outros torna-se um argumento para justificar não só o domínio como a manipulação indiscriminada da natureza. Se o homem é um ser superior aos demais seres da natureza, por que não cortar e derrubar árvores para construir estacionamentos, se precisarmos de espaço para nossos carros? Por que não construir prédios próximos aos rios, se fica mais fácil deixar que eles levem o lixo que produzimos? Entender a cultura como algo separado da natureza, nos leva a pensar que o homem é uma coisa também separada da natureza, e nos impede de perceber que ele, o homem, é natureza, ou que pelo menos está dentro da natureza como os outros seres.



Mas, é interessante notar que, se de fato a cultura é um produto da evolução natural da espécie humana, e esta espécie é, em si mesma, um produto da natureza, então o que entendemos como cultura pode ser algo mais próximo da natureza do que imaginamos. Retomando o estudo do professor e antropólogo Roque de Barros Laraia, e admitindo que não seríamos capazes de produzir todo o universo da cultura humana se não fôssemos dotados com o cérebro que hoje nossa espécie possui, temos que levar em conta que “A cultura desenvolveu-se, pois, simultaneamente com o próprio equipamento biológico e é, por isso mesmo, compreendida como uma das características da espécie, ao lado do bipedismo e de um adequado volume cerebral” (IBIDEM, p. 58). Ou seja, a cultura não é separada da natureza, mas sim um dos modos de vida que a natureza permite, pois o homem também é fruto dessa natureza, e ele naturalmente vive como um ser cultural.

Afirmar que é da natureza do homem produzir seu modo de vida, ou seja, produzir sua cultura implica dizer que ele certamente possui traços que o distinguem dos demais seres da natureza, sem que isso signifique uma superioridade (pois há uma grande diferença entre “ser diferente” e “ser superior”). A cultura enquanto modo de viver do ser humano demarca a nossa maneira de lidar com o mundo. Ruth Benedict afirma que “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, tem visões desencontradas das coisas” (IBIDEM, p. 67). No entanto, apesar dessas diferenças, todas as culturas possuem uma característica em comum: elas são no fundo um sistema de símbolos. Símbolos que nos permitem conferir significado ao mundo.

O antropólogo norte-americano **Leslie White** diz que: “Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de símbolos. Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação.” (IBIDEM, p. 55). Podemos afirmar que o homem é um animal simbólico, isto é, o homem é um animal que possui a capacidade *natural* de elaborar símbolos, e que estes símbolos são o recurso que nos diferencia do restante da natureza.

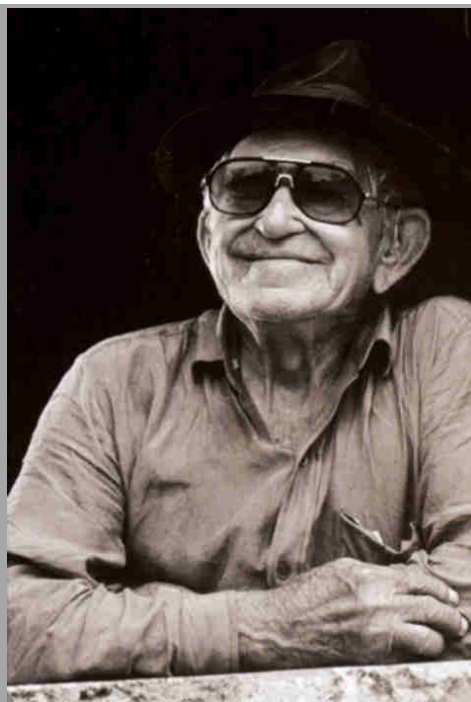
Portanto, se traçarmos uma linha retrospectiva da nossa argumentação vamos perceber que a natureza produziu uma determinada espécie animal, a nossa; que esta espécie ao longo da evolução desenvolveu seu aparato cerebral, e que o aprimoramento do cérebro permitiu à nossa espécie a capacidade de elaborar símbolos. Assim como não haveria símbolos sem o homem, não haveria o homem sem a natureza. Portanto, não haveria símbolos sem a natureza, já que ela é a condição de possibilidade da existência humana.

Esta capacidade humana de produzir símbolos se expressa de diversas formas, em diversas dimensões da cultura: na religião, na filosofia, na ciência, etc.. Mas, há uma dessas dimensões em que o homem parece ficar mais próximo da natureza, pois nela os símbolos que ele cria mais se assemelham às criações da natureza: a Arte. A atividade do artista, em seu sentido amplo, recria a natureza tendo como matéria-prima os símbolos da cultura. A Ciência procura explicar a natureza, a Filosofia procura compreendê-la ao seu modo, já a Arte não tenta explicá-la ou compreendê-la, mas espelhá-la. O filósofo **Friedrich Schelling** diz em uma de suas obras que a natureza é a arte inconsciente, e a arte é a natureza consciente, ou seja, a beleza que existe no pôr do sol é inconsciente, pois não é um símbolo criado pela consciência humana; já os girassóis de Van Gogh, são a natureza consciente, pois são a expressão intuitiva da mente do artista.

Para ilustrar a ideia de que o homem é um ponto intermediário que liga a natureza à arte tomemos como exemplo a beleza cultural, e ao mesmo tempo natural, dos versos do poeta Antônio Gonçalves da Silva, que nasceu em um sítio a três léguas de distância da cidade de Assaré, no Ceará. De tanto cantar sua natureza cultural este poeta ficou conhecido como Patativa do Assaré. Só o fato de ele receber nome de pássaro já nos leva a pensar o quão próxima a Arte pode estar da natureza.

No poema “Aos poetas clássicos” Patativa se apresenta já anunciando sua particularidade e diferença em relação aos poetas que tiveram muito “estudo”, que fazem a poesia que ele chama de poesia “branca”:

“Meu caro amigo poeta,
 Que faz poesia branca,
 Não me chame pateta
 Por esta opinião franca.
 Nasci entre a natureza,
 Sempre adorando as beleza
 Das obra do Criadô,
 Uvindo o vento na serva
 E vendo no campo a reva
 Pintadinha de fulô.
 Sou um caboco rocêro,



Patativa do Assaré

Sem letra e sem instrução;
 O meu verso tem o chêro
 Da poêra do sertão;
 Vivo nesta solidade
 Bem distante da cidade
 Onde a ciência governa.
 Tudo meu é naturá,
 Não sou capaz de gostá
 Da poesia moderna.”

O filósofo **Jean-Jaques Rousseau**, no século XVIII, já havia apontado como a civilização estava fazendo o homem se distanciar da natureza, e como este processo acarretava consequências ruins para a formação do ser humano. De acordo com Rousseau, nossa civilização estaria tornando os indivíduos cada vez mais superficiais em sua forma de pensar e agir, e cada vez menos naturais, e assim estaríamos trocando o essencial pelo artificial. Os excessos da civilização moderna se expressariam “na perda de consciência a que é conduzido o homem pelo culto dos refinamentos, das mentiras convencionais, da ostentação da inteligência e da cultura, nas quais se busca mais a admiração do próximo do que a satisfação da própria consciência” (ROUSSEAU, 1987, p. XIV).

Os versos de Patativa, expressando a simplicidade da vida sertaneja, mostram que a beleza pode ser algo muito mais próximo da natureza do que da sofisticação muitas vezes artificial que encontramos em nosso mundo abarrotado de tecnologia. É preciso uma identificação essencial com a natureza pra produzir versos que tenham o “chêro da poêra do sertão”. E é preciso mais do que a fria racionalidade para alcançar essa identificação. Ainda lembrando Rousseau, o homem só se reconhece na natureza através do sentimento; através do sentimento quase religioso de que ele e a natureza são uma coisa só. Segundo Marilena Chauí “Essa imersão mística no infinito da Natureza equivale a penetrar na própria interioridade, alcançar a consciência da liberdade e atingir o sentimento íntimo da vida, com o qual o homem teria consciência de sua unidade com os semelhantes e com a universalidade dos seres.” (IBIDEM, p. XV).

E é justamente esse sentimento que notamos no poema “Eu e o sertão”, onde Patativa diz, referindo-se ao sertão:

“Tu é belo e é importante,
 Tudo teu é naturá
 Ingualmente o diamante,
 Ante de argúem lapidá.
 Deste jeito é que te quero,
 Munto te estimo e venero,
 Vivendo assim afastado
 Da vaidade, do orguio,
 Guerra, questão e baruio
 Do mundo civilizado.

Tu veve munto esquecido
 Dos meio da inducação,
 Sempre, sempre tem vivido,
 Sem escola e sem lição.
 Teu mundo é bem pequenino,
 Por isso do teu destino,
 Da tua simplicidade
 Nasce a fé e a esperança;
 Tua santa inguinorança
 Incerra munta verdade.”

Quando o poeta diz que a ignorância encerra muita verdade, não podemos deixar de lembrar que até hoje um dos homens mais sábios da história foi aquele que disse: “Só sei que nada sei”, dizendo com isto que o primeiro passo para a sabedoria é reconhecer a própria ignorância. E nos versos de Patativa a sabedoria não é mera questão de racionalidade fria; também é sentimento. E o reconhecimento da sabedoria que é própria da natureza, excede o animal humano, mostrando que o homem não é capaz de abarcar a natureza em sua completude:

“Mas a grande humanidade
 Que de tudo qué sabê,



Nunca adivinha a verdade
 Do que vai acontecê.
 E tem bichinho servage
 Que, com sua language
 E a musga da sua voz,
 Conta tudo certo e exato,
 Apois tem bicho no mato,
 Que sabe mais do que nós.”

As construções simbólicas da Arte, no caso específico a poesia de Patativa, nos mostram que aquilo que a natureza cria é recriado pelo homem e convertido em obras que, assim como as obras da natureza, carregam algo que vai além do mero utilitário, que expandem nossa visão e nos fazem enxergar o mundo de uma forma diferente, mostrando que a sensação da beleza é uma ponte entre Natureza e Cultura, e que nós, seres humanos, ao invés de separarmos a Natureza da Cultura, na verdade fazemos delas uma coisa só.

Por fim, gostaria de citar mais uma vez o filósofo Friedrich Schelling, que expressa de forma concisa o quão próxima a Natureza está da Cultura, através dos olhos do artista. Nos diz ele: “A visão da natureza que o filósofo constrói artificialmente é para a arte a originária e natural. *Aquilo que chamamos de natureza é um poema encerrado em secreta e admirável escritura.*” (REALE, 2007, p. 92).

Não há como não vermos a confirmação do pensamento de Schelling nos seguintes versos de Patativa:

“Meu verso é como a simente
 Que nasce inriba do chão;
 Não tenho estudo nem arte,
 A minha rima faz parte
 Das obra da criação.
 (...)
 Mas porém, eu não invejo

O grande tesôro seu,
Os livro do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima completa,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô.

(...)

Canto as fulo e os abroio
Com todas coisa daqui:
Pra toda parte que eu oio
Vejo um verso se bulí.
Se as vez andando no vale
Atrás de curá meus male
Quero repará pra serra,
Assim que eu oio pra cima,
Vejo um diluve de rima
Caindo inriba da terra.”



Referências bibliográficas:

DO ASSARÉ, P. *Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ROUSSEAU, J. *Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. 5 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

REALE/ ANTISERI. *História da Filosofia Vol. 5*. São Paulo: Paulus, 2005.

SCHELLING, F.W.J. *Obras escolhidas*. Seleção, tradução e notas Rubens R.T. Filho. 3 ed. São Paulo: Nova cultural, 1989.



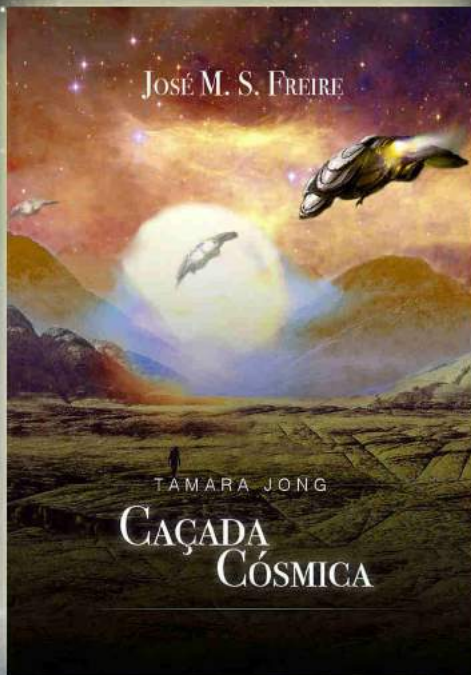
Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como **Patativa do Assaré** - (Assaré, 5 de março de 1909 — Assaré, 8 de julho de 2002)

André Henrique Mendes Viana de Oliveira é professor de filosofia do IFPI e doutorando em filosofia pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: andylantista@gmail.com

TAMARA JONG

Caçada Cósmica

— José M. S. Freire —



Novas e incríveis aventuras aguardam por você no quarto e-book da saga Tamara Jong - Caçada Cósmica, do autor José M. S. Freire.



PARA ADQUIRIR O E-BOOK
— CLIQUE AQUI —

ENTREVISTA COM

— JOSÉ M. S. FREIRE —

Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1956. Sempre gostou da literatura de ficção científica. É bacharel em Ciências Físicas pela Universidade Federal Fluminense e pós-graduado em Análise de Sistemas pela PUC-RJ. Também chegou a fazer dois anos de mestrado em Física Nuclear.

Trabalha como Tecnologista Sênior na Marinha do Brasil. Seu trabalho consiste em analisar a propagação do ruído irradiado pelos navios de guerra no ambiente marinho. Escrever relatórios técnicos o inspirou a criar esta série de ficção.



Por Ademir Pascale

Entrevista com escritores

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

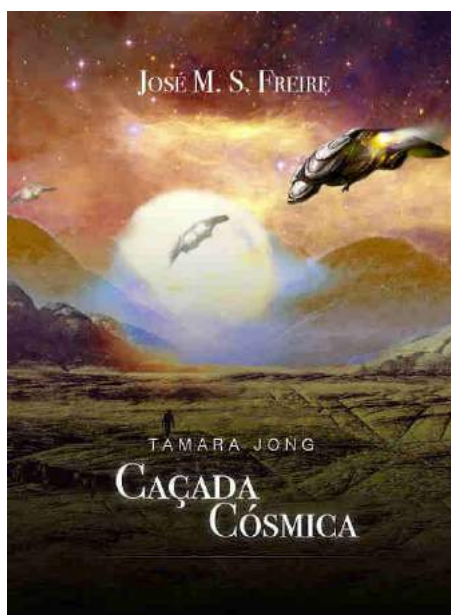
José M. S. Freire: José M. S. Freire: Tudo começou em uma noite fria e chuvosa de junho de 2012. Eu estava em casa, degustando um vinho chileno e assistindo a um documentário sobre antigas civilizações, e seus supostos contatos com os “Deuses-Astronautas”, quando, de repente, me ocorreu, segundo meus próprios conhecimentos de Física e minhas convicções a respeito do legado de seres alienígenas na Terra que, se realmente eles estiveram aqui, sua rota mais provável para superar as astronômicas distâncias entre seus mundos e o nosso, só pode ter sido traçada através de portais interdimensionais, entre os quais os buracos negros e buracos de minhoca, previstos na Teoria da Relatividade. Mas, também, segundo os cientistas modernos, podem ser criados artificialmente com o emprego de sistemas de alta tecnologia.

A partir daí, eu fiquei imaginando se, assim como em certos sítios arqueológicos extremamente antigos, nos quais é aventada a existência desses portais no interior de templos ou formações de enormes megálitos, também na

Floresta da Tijuca, onde eu costumava caminhar nos fins de semana, poderia haver algum indício da existência dessas passagens, em suas grutas ou recantos mais recônditos. A partir desse pensamento, me veio a ideia de criar uma história para explorar esta possibilidade.

Conexão Literatura: Você é autor da saga Tamara Jong, agora lança a obra “Tamara Jong – Caçada Cósmica”. Poderia comentar?

José M. S. Freire: Sim. Neste quarto livro eu tentei ser bastante



ousado, acrescentando, deliberadamente, elementos religiosos à trama. Mas não fiz isto para gerar discussões ou polêmicas, como muitos fazem, para atrair “os holofotes da fama” sobre si. O personagem bíblico com o qual Tamara se envolve (estou dando um “pequeno spoiler”),

quando acidentalmente retorna ao passado da Terra, é justamente um dos mais envoltos nos enigmas e nas especulações levantados pelos que defendem ferrenhamente a teoria dos astronautas antigos, inclusive eu.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir essa obra?

José M. S. Freire: Bem, na verdade minhas pesquisas, feitas antes de eu escrever o primeiro livro, “Tamara Jong: O Chamado de Úlion”, se resumiram em estudar um pouco sobre a Coreia do Sul, principalmente para conhecer nomes típicos e poder criar o nome dos parentes de Tamara.

Também li algumas coisas sobre seu estágio de desenvolvimento científico e tecnológico. Mas nada que eu já não soubesse, tipo, eles são donos de grandes marcas de carros, telefonia celular, televisores e eletrônicos em geral. Além de possuírem a banda larga mais rápida do mundo. Quanto ao tempo de escrita, levei um ano, aproximadamente, para escrever cada livro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em Caçada Cósmica?

José M. S. Freire: O trecho que eu acho mais legal no livro é quando Tamara se oferece para salvar determinado personagem de um trágico e inexorável destino e ele, numa resignação impressionante quanto ao seu papel no mundo (da época), simplesmente responde: “Não, Tamara, obrigado! Eu aceito de bom grado o meu destino. Não sou digno de estar com “fulano” (sem spoiler!). Os deuses dão e tiram a vida, segundo seus caprichos. Mas há um Deus maior que paira sobre a Sua Glória acima de todos os outros. Ele não julga, não condena e não pune! Das trevas Ele criou a luz, e da luz se fazem todas as coisas! E todas elas, um dia, quer sejam boas ou más, retornarão à mesma natureza comum. Não sou mais que um punhado de nada atirado aos ventos da sorte, que não nos levam a lugar algum”!

Conexão Literatura:
Como o leitor

interessado deverá proceder para adquirir o seu e-book e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

José M. S. Freire: Bem, o livro está à venda na Amazon e na Cultura, por enquanto só em e-book. Quanto a saber mais de mim e do meu trabalho, infelizmente eu ainda não tive tempo de criar um site ou blog para receber os comentários dos leitores. Mas eu devo me aposentar em breve e, entre meus projetos, está a criação de uma página própria para interagir com meus leitores. De qualquer modo, quem quiser me adicionar no facebook, tudo bem.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

José M. S. Freire: Por enquanto, estou concentrado em dar prosseguimento à série. Atualmente estou escrevendo o quinto livro, que eu pretendo lançar ainda este ano. Só lamento que, até agora, os três primeiros livros não tenham tido a receptividade que eu esperava. Fico desapontado com isto. Não por vaidade, ou pelo desejo de me tornar um escritor famoso. Não tenho estas pretensões. Mas acho que meus livros estão muito originais, com uma escrita leve e dinâmica, que não cansa o leitor. Os personagens são inteligentes, espirituosos, engajados socialmente e, sobretudo, são pessoas valentes e leais a si mesmas e aos seus companheiros, que não se deixam abater pelas adversidades, estando sempre prontas a encarar os desafios que lhes são impostos nesta árdua jornada para reconquistar a liberdade do povo uliano

Perguntas rápidas:

Um livro: Dom Quixote de La Mancha

Um (a) autor (a): Miguel de Cervantes

Um ator ou atriz: Sônia Braga

Um filme: Dona Flor e Seus Dois Maridos

Um dia especial: O dia em que nasci (por motivos óbvios, rsrs...)

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

José M. S. Freire: Gostaria de agradecer a revista “Conexão Literatura” pela oportunidade de estar aqui falando do meu trabalho. Acho que ela é um excelente veículo de divulgação e promoção da cultura em nosso país, sobretudo por valorizar as publicações de língua portuguesa, como tenho visto em suas edições. E, também, dizer que ficaria muito feliz se os leitores brasileiros comessem a valorizar mais os autores de ficção nacionais. Em muitos grupos do facebook que participei, vi, com certo pesar, o enaltecimento de autores estrangeiros há muito consagrados, inclusive, a maioria já morta, enquanto que os brasileiros, mesmo os mais conhecidos e bem-sucedidos, quase ninguém lembra.

LIMBOGRAPHIA

por Roberto Schima



Vinte contos de ficção científica e fantasia em sua maior parte, entre os quais a história "Como a Neve de Maio", vencedora do Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record).

Olhe lá fora. A noite caiu e as estrelas continuam a brilhar no céu como antigamente, embora já não tão nítidas. Aparentam estar ao alcance de nossas mãos. Está vendo?

Existe o silêncio. Existe o mistério.

Existe o sonho.

Respiremos fundo o ar frio e úmido:

Fechemos bem os olhos e, com toda a paixão...

Ergamos os braços.

Roberto Schima

Nasceu na cidade de São Paulo/SP em 01/02/1961. É neto de japoneses, por mais que o seu sobrenome pareça alemão. Faz ilustrações, escreve contos e, ocasionalmente, crônicas. Vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela extinta "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Escreveu os livros "Limboграфия" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "A Voz do Oceano" (noveleta), entre outros. Autor do conto "Abismo do Tempo", um dos vencedores do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista Conexão Literatura e publicado em sua edição nº 37, de Julho de 2018.

Informações: Google e sites do gênero.

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br



Para obter o livro (edição em papel - com ou sem capa dura - ou digital):

<https://www.clubedeautores.com.br>

<https://www.agbook.com.br>

ENTREVISTA COM

FERNANDO NEVES

Formado em jornalismo pela PUC-SP, Fernando Neves teve passagem por diversos veículos de comunicação, digitais e analógicos. Também foi assessor de imprensa, desenvolveu trabalhos em relações públicas e redes sociais. Antes foi entregador de jornais, office boy, vendedor de revistas e bedel de escola infantil. Desde cedo leitor voraz e sonhador com a palavra escrita, hoje é escritor e editor. É autor do livro de contos *As louras da minha vida* (Editora Bandeirola).



Por Ademir Pascale

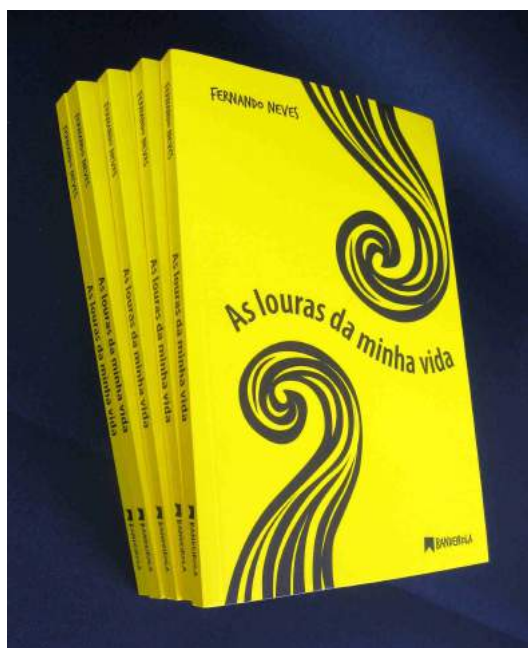
Entrevista com escritores

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Fernando Neves: Na faculdade de jornalismo comecei a rascunhar os primeiros contos. Sempre me interessei pela palavra escrita e na década de 90 participei de algumas oficinas literárias em São Paulo com escritores como João Silvério Trevisan, Marçal Aquino e Caio Fernando Abreu. Mas por um tempo acabei privilegiando outros aspectos de minha vida e o trabalho com a escrita literária foi adiado. Há pouco mais de dois anos, resolvi me dedicar de vez à literatura. Passei a escrever e organizei uma coletânea com treze contos, cursei uma pós-graduação de criação literária no Instituto Vera Cruz e junto com a amiga, e também escritora, Sandra Abrano, montamos uma editora, a Bandeirola. Nossa editora publica preferencialmente ficção contemporânea em prosa, brasileira e latino-americana e obras clássicas de ficção. Além de desenvolver produtos relacionados ao universo da Literatura.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “As Louras da Minha Vida” (Editora Bandeirola). Poderia comentar?

Fernando Neves: *As Louras da minha vida* é um livro de contos que trata sobre a perda, o medo e as incertezas dos relacionamentos. A ideia do livro é antiga e ficou muito tempo na gaveta. Nesse longo período fui nutrindo e amadurecendo personagens e situações em torno desses temas que sempre me interessaram sob uma ótica masculina. Os protagonistas das histórias são quase sempre homens um tanto perdidos com o peso de sua masculinidade e



atormentados por obsessões como a idealização da mulher e dos relacionamentos. Queria muito escrever sobre essa ideia fantasiosa de se ter uma vida perfeita, de poder, sucesso e felicidade tão difundida pelos meios de

comunicação, pelas redes sociais, que nunca vem, e impede as pessoas de viverem a vida possível, que lhes cabe. Assim, a maioria de meus personagens está de certo modo trancado em uma armadilha. Sonham com um mundo ideal, não se abrem ao mundo real e rechaçam qualquer possibilidade de mudança. Procuo por meio dessas histórias mostrar a fragilidade do homem por trás de uma aparente força, agressividade exacerbada, e uma posição de poder que ele acredita ter, que se evidencia por meio da confusão de suas emoções e sua sexualidade. Os contos têm estilos e abordagens um tanto diferentes, algumas vezes incômoda, mas acredito que podem divertir, emocionar, indignar e fazer pensar. As lóuras da minha vida foi selecionado pelo ProacSP - Programa de Incentivo à Cultura do Estado de São Paulo em sua edição de 2017.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Fernando Neves: Não sei se é possível chamar de “pesquisa”, por não terem um caráter formal. Acredito que é muito mais o fruto de uma observação, um mergulho nas relações humanas e na própria alma

masculina. Uma tentativa de conhecer melhor o que se tornou ser homem nessas primeiras décadas do século XXI e como são as relações que passa a estabelecer com o sexo oposto, com o mundo e consigo mesmo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Fernando Neves: O livro é composto por treze contos, com histórias e personagens bastante distintos. E é sempre difícil selecionar um trecho que se possa chamar de “especial”. Mas há um início do conto Ana, minha mulher que aprecio bastante, por ter uma linguagem forte e sucinta que introduz muito bem, na minha opinião, o clima da história. “Lua cheia. Peito grande. Brancura da pele.

O caminho das veias, manchas roxas na superfície branca. O

caminho dos seios, o caminho das coxas.

Olho a lua e lembro de Ana. Ana e seus caminhos. Ana e seu olhar fugidío, procurando coisas perdidas nos pedaços de espaço, que ela mesma não saberia o que, se se deparasse com elas e as encontrasse. Ana.

Ana, que quando olha, olha mesmo e era difícil encarar o olhar de Ana. Um olhar que parece entrar pelas pupilas e remoer o cérebro da gente. Muitas vezes, inadvertidamente, deixei minhas portas escancaradas para que Ana entrasse e se instalasse dentro de mim. Possseira sem certificado de posse, tomando por direito.

Para se ter um convívio perfeito com Ana, não se pode deixar que Ana lhe olhe de frente. Quantas vezes deixei Ana olhar-me de frente! Ana é minha mulher e não pode, de maneira alguma, ganhar todas as batalhas.”

Conexão Literatura: Qual a dica que pode dar a um escritor iniciante?

Fernando Neves: Escreva. Tenha um projeto claro sobre o que deseja escrever. E escreva!

É claro que ler muito, e atentamente, é essencial para quem quer tornar-se escritor. Desenvolver uma leitura crítica sobre o próprio texto é uma das tarefas mais difíceis mas que vai ajudá-lo a encontrar suas própria voz e estilo. E tenha em mente que após escrever, você vai ter o estafante trabalho de reescrever. E reescreva quantas vezes seja necessário até ter em mãos o texto que realmente gostaria de ter escrito.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fernando Neves: A editora Bandeirola vende diretamente em seu site, o www.bandeirola.com.br.

O livro também está disponível em algumas livrarias independentes pela cidade de São Paulo como Tapera

Tapera, Louca sabedoria, casa de Livro, Lojinha do MIS, Gansaral e Sebo Clepsidra.

Conexão Literatura:
Existem novos projetos em pauta?

Fernando Neves: Sim, uma nova coletânea de contos em fase final, com o título, ainda provisório de “Sexo e Extravagância”, na qual procuro ampliar um pouco mais o foco sobre as dificuldades dos relacionamentos. Deve sair em algum momento do ano que vem.

Perguntas rápidas:

Um livro: Feliz Ano Novo, de Rubem Fonseca

Um (a) autor (a): Julio Cortázar

Um ator ou atriz: Marcello Mastroianni, Deus!

Um filme: Brazil, o filme (1985), de Terry Gilliam

Um dia especial:

Nascimento dos filhos (são três, então são três dias especiais!)



AMOR INFINITO

por Míriam Santiago

Conto

E toda vez que o vento soprar seu ouvido, não será só apenas o vento,
mas eu dizendo que te amo.
(Poeta Silvio César Rabélo Lopes)

Olhei no relógio duas vezes e pensei: ela está atrasada! Bem, também acho que vim cedo demais, deve ser isso.

E não tardou e minha amada chegou; eu é que estava muito ansioso para vê-la!

E o casal se abraça e permanece unido por um bom tempo! Lágrimas rolam pelas faces dos amantes até o esperado beijo acontecer. Nada importa naquele momento, pois é o tempo deles. Ambos aguardavam por aquela cena, que

até parecia de uma novela qualquer ou de um filme romântico bem produzido, daqueles que te faz chorar do começo ao fim e você sabe o final feliz que está por vir.

— Você demorou, já estava aflito - diz Tomás, um homem de cabelos e barba ruivos, olhos claros aparentando quarenta e poucos anos.

— Vim logo assim que pude, sabia de nosso compromisso firmado há tempos, como poderia esquecer? —

Responde Isolda, na flor da beleza em seus trinta e poucos anos.

— Você está maravilhosa, tão bela e com semblante de felicidade, isso me faz recordar de nossa primeira viagem que fizemos juntos a Portugal, lembra?

— Oh, sim! Foram dez dias maravilhosos naquele país encantador que oferece excelente gastronomia, bom clima e pontos turísticos interessantes. Andamos e nos perdemos a procura da Torre de Belém, você se lembra?

Pergunta Isolda.

— Recordações inesquecíveis de todos os momentos juntos, minha vida sem teu cheiro, sem o frescor de teus cabelos em minhas mãos, teu beijo doce, sem tudo isso não tem sentido! Amo-te para toda eternidade! Responde Tomás.

— O Elevador de Santa Justa, o jardim e museu dos Jerónimos, o Castelo de São Jorge, nossa foram tantos lugares lindos nossa viagem foi perfeita! Acrescenta a jovem.

E o casal se abraça novamente completamente apaixonado. Um amor desses que ultrapassa as barreiras do tempo.

— Isolda, estava aqui com meus pensamentos quando te conheci, você trajava um vestido surrado, cabelo despenteado, mas com fisionomia feliz, e foi essa pureza de espírito que eu mais gostei em você, pena termos passado todos aqueles entraves por causa de minha família. — Diz Tomás, segurando bem forte a mão da amada.

— É verdade, fui feliz e triste ao mesmo tempo só porque te amei. Acredito que esta não seja uma boa lembrança de nosso amor, tivemos momentos em outras ocasiões muito mais agradáveis. — Retruca Isolda,

fazendo sinal para que ele ficasse calado, para aproveitarem os poucos momentos.

— Mas são tantas histórias que temos a relembrar, momentos preciosos que faço questão de falar, de pensar para jamais esquecê-los, diz Tomás.

E Isolda levanta-se e estende a mão a ele, vamos caminhar, venha!

E os dois andam calmamente por uma praça com um jardim cheio de flores e folhagens que só a primavera oferece!

— Vamos sentar, o pouco que caminhamos estou cansado. Meu peito doe, pois sei que está chegando a hora, veja o relógio, nosso tempo está se esgotando.

— Eu sei, já não estou mais sentindo os pés, disse Isolda.

Tomás segura e beija as mãos da amada.

— Pelo menos conseguimos passar o Dia dos Namorados juntos, estou feliz por isso. Ao nos despedirmos marcamos esse encontro e conseguimos nos ver, mesmo por pouco tempo, mas para mim valeu a pena, acrescenta Isolda.

— Nunca é pouco tempo quando estamos com quem amamos, cada minuto, segundo vale a pena ser vivido e estamos juntinhos neste banco acompanhando as badaladas do Big Bang, diz Tomás, que não conseguia mais sentir as mãos dela. Ele virou o rosto para não ver que seu amor estava partindo, seu corpo agora era quase invisível se diluindo ao vento.

— Eu te amo! Grita desesperado Tomás, deixando que o eco acompanhasse Isolda para onde quer que fosse.

Agora sozinho ele imaginava quanto tempo mais haveria de passar até que ele a encontrasse novamente. E no banco, suas lembranças novamente de

tempos remotos ele lembrou-se de quando a viu antes desse encontro, foi há quase 200 anos, quando sua família de nobres portugueses o enviou a um convento e ele fugiu, pois não tinha aptidão religiosa. Depois de perambular pela África foi parar na Calábria, quando conheceu uma jovem italiana bem mais nova, fugindo com a moça.

Desembarcaram então, graças economia da jovem no Porto de Santos, formando família naquela cidade brasileira. Mesmo com dificuldade o amor sempre prevaleceu entre os dois, sendo interrompido quando ela adoeceu e faleceu.

E assim as duas essências sempre acabam por se encontrar, não importando o tempo e tão pouco a classe

social, pois o amor verdadeiro se sobrepõe a imensidão, à eternidade!

...

Tomás está ansioso, pois é chegado o grande dia de retorno. Anda aflito, pois não sabe nada sobre sua nova morada.

Segundos antes de partir a seu destino, um só pensamento: rever e estar com Isolda, o grande amor.

...

Passando-se alguns meses Fabíola não se continha de felicidade com seu lindo bebê, que chamava a atenção de amigos e familiares pela meiguice com ela: fitava-a o tempo todo com carinho risonha e sempre segurava com cuidado os cabelos da mãe.



Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

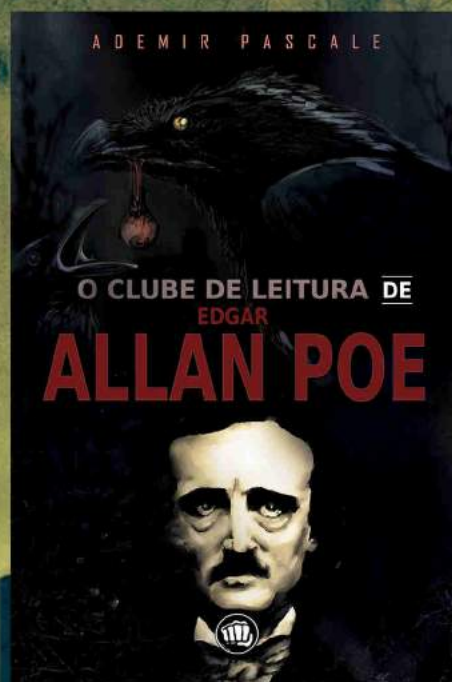
Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com

O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe

Ademir Pascale

Em meio a perseguições, em que a maneira de o autor descrever o clima psicológico que se abate sobre os personagens deixará o leitor sem fôlego.

- Sérgio Simka, doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP



www.selojovem.com.br
www.edgarallanpoe.com.br



EU VI UM JABUTI COMENDO JABUTICABA

por Roberto Leon Ponczek

Conto

Inácio tinha grande afeição pela filha Mila e, mesmo depois de desfeito seu casamento, continuou convivendo com ela quase diariamente até esta completar 18 anos de idade. Passavam juntos 3 dias da semana, além dos fins de semana alternados. Inácio buscava sua filha na escola, almoçavam juntos em casa e à tarde ela fazia seus deveres sob a orientação do pai em física e matemática. Excelente aluna, Mila não precisava que o pai a mandasse estudar, pelo contrário, às vezes era ele que lhe pedia para parar a fim de tomarem um sorvete no Shopping Barra em Salvador que ficava perto da casa de Inácio. Divertiam-se muito ouvindo música,

indo a shows e ao cinema juntos. Gostavam dos mesmos estilos musicais e compositores: em MPB ouviam Chico, Caetano, Milton, Tom Jobim, Bosco, Gonzaga, Dominginhos e no clássico ouviam os grandes mestres como Chopin, Beethoven, Mozart, Bach, Vivaldi dentre outros. E ainda no jazz, adoravam ouvir os grandes improvisadores do bebop, como Parker e Gillespie, Miles, Bill Evans, o extraordinário instrumentista da voz Bobby MC Ferrin, o cantor de jazz inglês Jamie Cullum e tantos outros. A menina e o pai tinham realmente muitas afinidades. Inácio tinha-na, além de filha, como uma amiga e companheira.

Mila passou em 1º. Lugar no vestibular da UFBA em Engenharia Ambiental, chegando a cursar por algum tempo este curso, conseguindo logo em seguida uma bolsa de iniciação científica. Tudo ia muito bem quando para o espanto de Inácio ela lhe comunicou que passara no vestibular de Engenharia Química da Unicamp e que iria se mudar para Campinas.

— Quando? — perguntou-lhe Inácio sem esconder sua aflição.

— Semana que vem — respondeu ela de supetão. Sua resposta foi como receber uma descarga elétrica de centenas de volts.

— Como assim semana que vem? — perguntou-lhe já sem disfarçar sua tristeza e espanto.

— Sim, embarco semana que vem para Campinas, com minha mãe, para procurar um apartamento compartilhado com algumas colegas.

Inácio não aceitou a decisão de sua filha, tentando de todas as formas dissuadi-la da idéia. Foi inútil, Mila estava decidida e Inácio aprendera que, apesar de sua pouca idade, a determinação da filha era uma marca de sua personalidade, fazendo com que as decisões que tomava fossem irrevogáveis.

Mila partiu deixando seu pai sentindo-se solitário e desolado. A síndrome do ninho vazio instalou-se no apartamento em que vivia, ele andava por suas dependências sem ninguém para compartilhar a sua solidão. O apartamento antes sempre movimentado com a presença de Mila, e de suas colegas que vinham com ela estudar, transformou-se num vazio elefante branco que Inácio não conseguia preencher com sua solitária presença. Os objetos da casa gritavam-lhe em unísono

a presença da amada filha ausente. Ele levou pelo menos um ano para entender que a decisão de sua filha fora acertada embora isso não aplacasse nem um pouco sua tristeza.

Quase um ano já se passara sem que Inácio tivesse muitas notícias de sua filha, quando cerca de um ano depois Mila telefonou-lhe para dizer que viria a Salvador de férias e que passaria com ele uma semana. Inácio ficou eufórico com a notícia. Tão feliz ficou que passou a cantarolar uma música que havia ouvido nas rádios de Salvador: Rasta Pé de Jorge Alfredo e Chico Evangelista, uma dupla de compositores baianos que fez algum sucesso na década de 80, e a música tinha como refrão:

*Rasta pé é moçada,
quando você se requebrar caia por cima de mim,
Eu vi um jabuti comendo jabuticaba,
Eu vi um jabuti comendo jabuticaba.*

Preparando-se para receber sua filha, Inácio desceu para fazer compras no antigo supermercado Paes Mendonça, cantarolando sem tirar da cabeça o refrão “eu vi um jabuti comendo jabuticaba” quando para sua surpresa na esquina ele viu um ambulante vendendo pacotes de jabuticabas, fruta muito comum em zonas de Mata Atlântica como São Paulo e Rio de Janeiro, mas muito rara em Salvador. Sem pestanejar comprou um pacote grande de jabuticabas e foi ao supermercado reforçar a geladeira, para a tão aguardada visita de sua filha, mas o refrão “eu vi um jabuti, comendo jabuticaba” não lhe saía da cabeça. Voltou para casa com as compras adquiridas no Paes Mendonça, sem abandonar o pacote de jabuticabas.

Mila finalmente chegou a Salvador e foi visitar seu pai por uma semana, o que deixou-o exultante. Planejaram ir a Jauá, uma praia a cerca de 50 km de Salvador, onde ele havia adquirido uma casa e durante a viagem cantarolaram alegremente o refrão “eu vi um jabuti comendo jabuticaba”.

A casa era cercada por varandas em lajotas de barro rústico, cobertas por alpendres de telhas de barro vermelho que lhe davam um estilo de fazenda, e ficava no centro de um grande terreno de areia com alguns coqueiros e amendoeiras frondosas que faziam uma boa sombra, amenizando o sol escaldante do verão baiano.

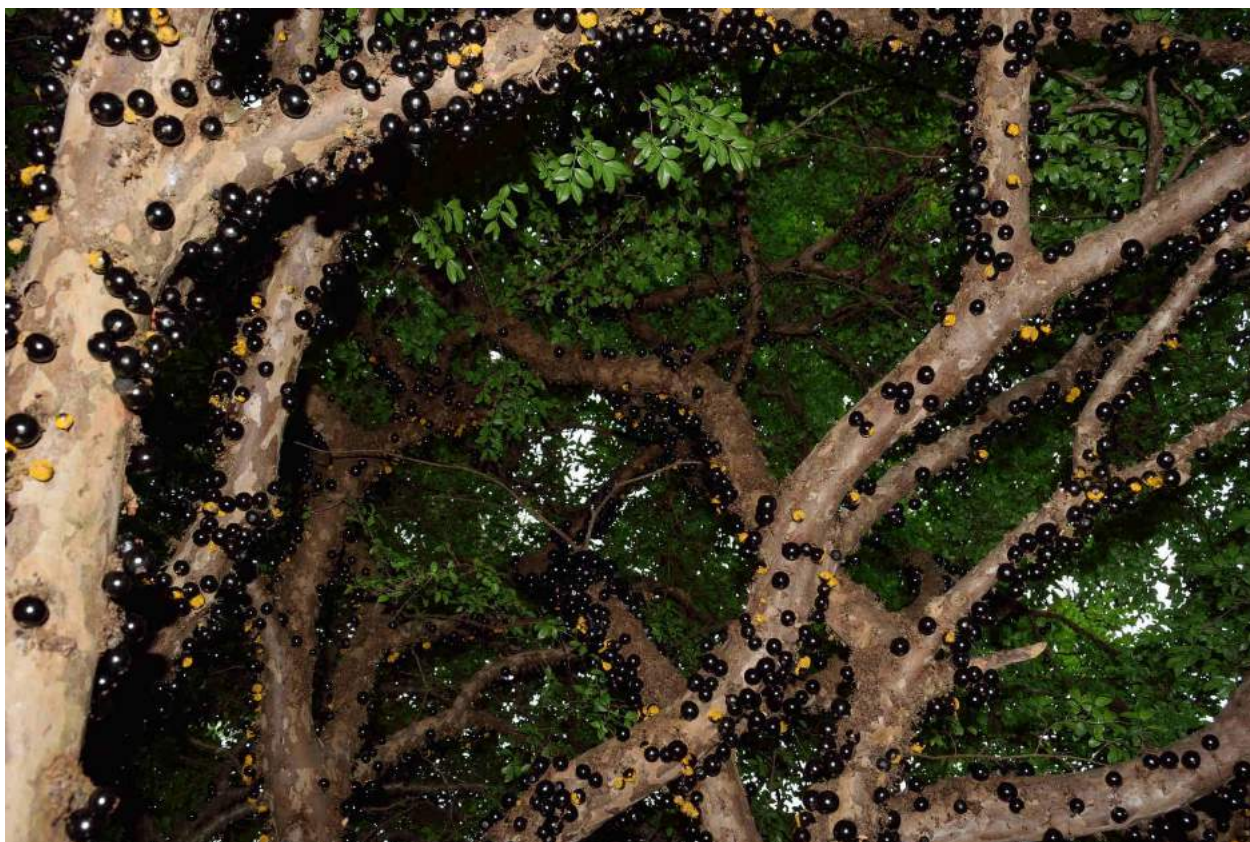
Quando chegaram à casa avistaram no meio do quintal de areia, debaixo de uma das amendoeiras, um casal de jabutis, gênero de tartarugas que carregam nas costas uma grande carapaça na forma de uma meia esfera. Nunca antes tinham visto jabutis na casa que era completamente cercada por cercas e muros. Não eram tartarugas marinhas, mas sim jabutis que não são nativos em beira de praia, mas de Mata Atlântica. Mila pegou o saco de jabuticabas e deu aos jabutis que passaram a comê-las com sofreguidão.

O refrão tornara-se real! Para que tivessem certeza de que não estavam delirando fotografaram os dois animaizinhos comendo o saboroso fruto negro por fora e branco por dentro. Sim, o refrão tão cantado tornara-se real! A foto não os deixava mentir nem pensar que era apenas um sonho.

Um refrão improvável de acontecer tinha transposto as fronteiras da imaginação para se tornar real diante deles! Como

explicar essa sucessão de dois fatos improváveis: a jabuticaba comprada de um camelô que nunca tinha sido visto antes e o surgimento de dois jabutis que jamais tinham aparecido no quintal da casa de Inácio?!

Festejaram a cena cantando ainda mais alto o refrão que se materializara diante deles! Entraram na casa cantando felizes e quando saíram de volta ao quintal os jabutis tinham desaparecido como por encanto! Mila e seu pai os procuraram em toda a extensão do terreno e nem sombra deles! Sim, eles estavam os aguardando apenas para comer as jabuticabas, concretizando a imensa alegria de Mila e Inácio expressa pelo refrão, para depois simplesmente sumir! Eles existiram apenas por alguns minutos, pelo canto insistente de ambos, ate tornarem-se reais objetos de uma metáfora de felicidade! Como explicar a estranha e efêmera aparição dos pequenos répteis? Apenas um jogo de probabilidades pouco prováveis? Obra do mero acaso, como pensam os cépticos? Ou ainda um pensamento alegre que se materializou no universo que havia conspirado para dar significado a um momento de felicidade, como pensam os místicos? Seria então uma ação do pensamento sobre a matéria? Ou seria uma sincronicidade, que Carl Jung define como o acontecimento de dois fatos desconexos que se unem para dar sentido à alguma idéia ou vontade? Não se sabe ao certo qual é a resposta, mas, passados muitos anos, Mila se casou e foi viver na França e Inácio saudoso de sua filha vendeu a casa avarandada de Jauá e sabe-se que nunca mais viu jabutis nem comprou jabuticabas.



Roberto Leon Ponczek é Mestre em Física Nuclear pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, professor de Física concursado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Adjunto IV da UFBA. É doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia, membro dos grupos de trabalho Benedictus Spinoza e Filosofia do séc. XVII da Anpof e Prof. Permanente no Doutorado Multidisciplinar de Difusão do Conhecimento, onde orienta vários alunos de Doutorado, lecionando as disciplinas Epistemologia e Seminários de Tese. Possui vários trabalhos publicados sobre a filosofia de Spinoza, além de participações em encontros e congressos de Filosofia da Ciência e Educação. É autor dos livros *Os crocodilos guardiões* e *Biblioteca da Babilônia: manhas, artimanhas e imposturas acadêmicas*, publicado recentemente pela CRV e *Deus ou seja a Natureza: Spinoza e os novos paradigmas da Física* pela EDUFBA. Dedicar-se atualmente a construir uma pedagogia da ciência, inspirada nas filosofias de Einstein e Spinoza.

Especial

ROBERTO SCHIMA



Crônica: Homo Digitus e a era da magia
Conto: O Senhor das Abelhas
Conto: Retalho Intangível
Conto: Matizes de Penumbra

Roberto Schima. Autor de "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participa da revista "Conexão Literatura" desde sua edição nº 37.
Informações: Google, Clube de Autores, agBook, Amazon ou nos links abaixo:
http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671
<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>
<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>
Contato: rschima@bol.com.br

HOMO DIGITUS



CRÔNICA

E A ERA DA MAGIA

Crônica

por Roberto Schima

O que é a magia senão uma interpretação compreensível daquilo que nos é incompreensível?

Vivemos numa era mágica, sob outras vestes e sob a fachada de um falso entendimento, mas, ainda assim, mágica. Não há curupiras, duendes ou deuses antigos e, entretanto, enigmáticas maravilhas nos rodeiam tanto quanto os estrambólicos mecanismos dos filmes de ficção científica.

Não foi Arthur C. Clarke quem escreveu, aproximadamente, que uma tecnologia muito superior a nossa, aos nossos olhos, não se distinguiria da magia?

Creio que não necessitamos ir tão longe assim.

Nas últimas décadas a nossa própria tecnologia progrediu de uma tal maneira que nós, cujas mentes não avançaram em idêntica proporção, limitamo-nos a usufruí-la sem, contudo, entendê-la. Ah, sim, podemos teorizar (não necessariamente de forma correta) sobre seu funcionamento, fazer pose de sabido e soltar, feito papagaio, um palavreado difícil de coisas das quais apenas ouvimos dizer ou lemos no rodapé de algum jornal ou revista de popularização da ciência, entretanto, efetivamente, pouco ou nada sabemos.

Autodomesticamo-nos.

Tornamo-nos um tipo diferente de ser humano, o qual, erroneamente, mas apenas para ilustrar, poderia ser chamado de *Homo digitus*, o apertador de teclas e botões, não muito diferente dos pombos condicionados de laboratório: aperta-se um botãozinho do controle remoto e – pimba! – recebemos a recompensa de uma nova emissora televisiva ou uma nova música. Pressionamos uma tecla e – pimba! – lá está nosso herói ou heroína de *videogame* a despedaçar um inimigo entre névoas de neon virtual.

Arrulhamos de satisfação.

As caixinhas mágicas nos recompensaram mais uma vez.

Apertamos um botão e uma luz se acende no teto a fim de afugentar as trevas.

Pressionamos outros e, repentinamente, surge dinheiro do caixa eletrônico ou, na calculadora, o resultado de uma conta mais ou menos complexa.

Sim, o *Homo digitus* tornou-se um especialista nessa arte dos botõezinhos, calejando indicadores, mas ignorando o que ocorre por trás das teclinhas e botõezinhos coloridos.

Chamamos os antigos de “primitivos”, e, entretanto, eles sabiam fazer fogo atritando dois gravetos, criavam afiadas lâminas de pedra, coziam utensílios de cerâmica, forjavam os metais, criaram a agricultura e a pecuária, inventaram a escrita. Alicerçaram as bases da civilização. Dominaram seu mundo e, até certo ponto melhor do que nós, compreendiam-no bem como a tecnologia com a qual lidavam. Hoje, fazer fogo manualmente ou esculpir um machado de sílex é obra de especialistas; sabemos a teoria, mas não dominamos o processo. Assumimos um ar de pedante superioridade e, contudo, pouco

sabemos. Poderíamos nos sair melhor no mundo deles do que eles no nosso? Eles chamavam de magia aquilo que não sabiam; nós nos recusamos a dar esse nome àquilo que fingimos saber.

Sou um *Homo digitus*.

Recentemente, tive uma experiência nesse sentido. Poder-se-ia dizer comum; eu chamaria de mágica. Tem a ver com a nova coqueluche: a *Internet*. Tomei conhecimento de um conjunto cujo som me agradou. Recebi via *e-mail*, entre uma teclada e outra, uma música instrumental muito bonita, fazendo-me lembrar a trilha sonora de "Braveheart", apesar do conjunto ser irlandês e não escocês. Eu quis ver se achava algo mais na rede. Oras, eu, um *Homo digitus* brasileiro, descendente de japoneses, fui atrás de músicas de um conjunto irlandês e, para isso, fiz uso de um *site* de busca americano. E este, por sua vez, acabou me indicando um outro *site...* da Rússia! Lá, efetuei o chamado *download* de alguns trechos de canções. Mas veja só que salada internacional esse processo envolveu. Isso é o que se poderia chamar de globalização... de magia. Um bruxo não teria feito melhor, ou teria? Arrulhei feliz com o resultado, ignorante dos meandros do mecanismo.

Mundo complicado o nosso, complicado em demasia.

Os ditos primitivos viviam de maneira mais simples. Numa noite, por efêmeros minutos, resgatei parte dessa simplicidade ancestral, longe da TV, de controles remotos, de computador, de fachos de neon.

Estava uma noite fria, perto da meia-noite (horário de verão) e fui ver Sheik e Adam, os meus filhotes peludos no quintal dos fundos de casa. Havia um pedacinho de terra com um limoeiro, alguns pés de milho que eu plantara.

Era a primeira vez que eu dispunha de algo assim, um cantinho onde pudesse lidar com a terra.

No céu, uma lua praticamente cheia brilhava em meio a algumas nuvens altas e quase estacionárias, ao passo que, mais abaixo, outras nuvens “corriam”, levadas por uma forte ventania.

A folhagem de meu terreninho farfalhava.

Estrelas frias cintilavam por entre as nuvens.

Nos arredores, a quietude dominava.

Dorme-se cedo no interior¹.

E eu mirava o céu.

Era uma cena tão comum, tão fácil de ser ignorada, e, no entanto, tão mágica a sua

maneira e tão significativa no sentimento de comunhão que fazia despertar.

Ecoss de um solitário homem “primitivo” sussurraram em meus ouvidos: “Olhe lá no alto: aquilo é a verdadeira magia; aquilo é importante”.

Foram minutos que valeram por várias horas de um dia sem grandes expectativas.

Foram minutos transformados em eras.

Porém, no outro ouvido, o moderno Homo digitus arrastou-me dali, daquele frio céu paleolítico, para o calor enclausurado deste final de século, para os botões convidativos de modernas caixas de Pandora.

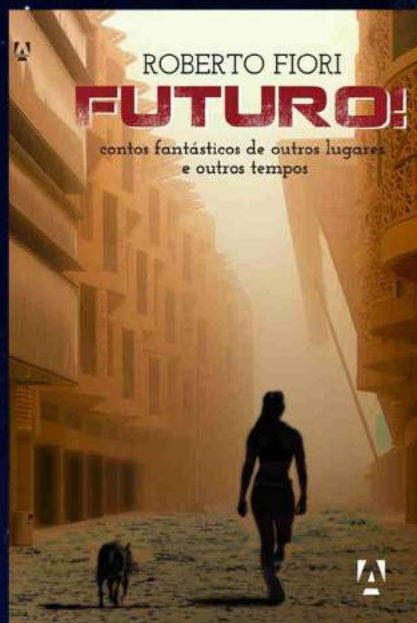
Na minha ignorância diante de um mundo cada vez mais complexo, arrulhei um tanto conformado, porém, não inteiramente satisfeito.

A noite me chamava, e ainda me chama, para ouvir o gélido sussurro das estrelas.

¹ Na época, eu residia em Tatuí/SP.

NOTA DO AUTOR

Escrevi esse texto em agosto de 2000. Quase vinte anos atrás. Foi publicado em um fanzine, creio que no gaúcho "Notícias... Do Fim do Nada" do falecido Dr. Ruby Felisbino Medeiros. A Internet estava em seu princípio. Os computadores utilizavam-se de monitores VGA ou Super VGA que, atualmente, despertam risos. Notebook era um luxo extremamente caro e incomparavelmente inferior em termos de capacidade aos atuais (que, igualmente, estão caindo em desuso). E meus saudosos filhotes peludos alegravam a casa... Quase vinte anos. E, todavia, continua tão o mais atual agora, nesta era de smartphones e um número infinitamente maior de Homo digitus calejando não mais os indicadores, mas seus polegares, propagando banalidades nos mais diversos locais em detrimento do cérebro. Pergunto-me o que diria o tal homem paleolítico diante de tais avanços tecnológicos. Talvez indagasse: é a isso que chamam "evolução"? E as "mágicas", mais do que nunca, continuam a esparramar-se, rendendo dividendos aos fabricantes e adestramento a um populacho cada vez mais preguiçoso de pensar.



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]



por Roberto Schima

O SENHOR DAS ABELHAS

Conto

Seu Bernardo era um velhinho gentil. Caracterizava-o os modos tímidos, de poucas palavras e, quando falava, sua voz era calma e educada. Uma estudante de Humanas dissera certa feita que ele possuía a "voz da primavera". Fosse tão somente um gracejo ou a sua maneira precoce de expor uma veia poética, ela tinha razão. Havia algo de desabrochar na maneira comedida do velhinho ao expressar-se e na fugacidade de um raro sorriso.

Ele descendia de espanhóis e, durante sua longa vida, fizera de tudo um pouco para se manter: sapateiro, operário, vendedor, balconista, mecânico, jornalista. Fosse pela timidez ou por suas

precárias condições financeiras, nunca se casara. Era mais um desses descendentes de imigrantes que, na primeira metade do século, vieram tentar a sorte no Brasil para, no final, descobrir que a pobreza somente atravessara o Atlântico em seus calcanhares.

Senti um tapa no ombro.

— Vamos papar um sanduiche?

— indagou um dos colegas.

Dei uma espreguiçada. As costas doíam. Olhei ao redor e vi um punhado de cabeças inclinadas sobre os livros. Lápis e canetas rabiscavam e rabiscavam. Quase dava para ver a fumacinha saindo de neurônios queimados.

— Prefiro pipoca — respondi.

— Dispensa um x-salada por um saco de pipoca? — retrucou, incrédulo.

— Você está brincando!

Comer demais daria sono e, para isso, já bastavam as apostilas de Matemática.

— Vão vocês em frente encher a pança.

Eles riram.

— Seu panaca, vai virar galinha de tanto milho!

Sim, quando o conheci, ele já estava em idade avançada. Usava roupas sociais: camisa xadrez, calças largas e um chapéu de feltro que dava-lhe o ar de alguém de uma outra época, de um tempo mais cavalheiresco — o que não deixava, em absoluto, de sê-lo.

Trabalhava como pipoqueiro nas dependências de um cursinho pré-vestibular na Liberdade. Com a autorização dos proprietários, postava-se no pátio, atendendo aos alunos durante os intervalos. Talvez pagasse alguma taxa por tal "privilégio", mas isso não vem ao caso agora. O fato era que, no interior do estabelecimento, podia exercer seu ofício de maneira mais segura em relação à violência que, já naquela época, assediava as portas das escolas. Então, o benefício era mútuo.

Eu era um entre os milhares de estudantes "aborrecentes".

Para ser sincero, eu estava mais preocupado com minhas apostilas e os exames do que em saber da vida daquele homem. Não me recordo ao certo quando comecei a comprar um saquinho de pipoca do Seu Bernardo para acompanhar o refrigerante adquirido na cantina; provavelmente, fora a partir do momento em que a minha estadia na

escola aumentara quando, após as aulas, eu me enfiava numa sala junto ao pátio denominada "Sala de Estudo", onde os CDFs ficavam. Sim, eu confesso: tive minha fase CDF na vida. Nunca fui um expoente, jamais me destaquei em qualquer coisa, entretanto, naquela época, em função de prioridades na vida, esforçara-me nos estudos. E, nos poucos minutos de um intervalo que eu próprio me dava da Sala de Estudo, passara a puxar conversa com ele, mais para ter algo a fazer do que ficar lá parado, sem assunto, só mastigando.

— Um saco de pipoca, por favor.

— Doce ou salgado?

— Salgado. Doce não combina com o guaraná...

— É verdade.

E fora assim.

Adolescentes em geral e CDFs em particular não têm o costume de pensar em nada além do próprio umbigo. Inclusive, enquanto eu falava com ele, o egoísmo vinha em primeiro lugar. Eu procurava mais satisfazer uma necessidade minha de distração do que demonstrar algum sinal de maturidade juvenil ao importar-me com uma pessoa pela qual a sociedade, de um modo geral, tão pouca importância dava.

Não havia nada de profundo nessas poucas conversas, nenhuma divagação filosófica, tampouco alguma frivolidade sobre esportes ou o clima. Eu quase poderia dizer que mal passavam de monólogos de minha parte, pois, conforme já mencionei, o Seu Bernardo era um homem de poucas palavras, limitando-se a responder perguntas ou ouvir pacientemente.

E uma das primeiras coisas que eu soube e da qual mais ninguém parecia

interessar-se foi justamente o seu nome. Precisei indagar-lhe diretamente, pois, se dependesse de uma iniciativa sua, creio eu, jamais o saberia. Deixou de ser "o velhote" ou "o pipoqueiro" para tornar-se o Seu Bernardo.

Conforme as semanas passaram, percebi que, mesmo sem ter fome, eu dispensava a companhia dos colegas e ia até o seu carrinho pedir um saco de pipocas. E, apesar de pouco falarmos, sentia-me bem diante de seus modos gentis, a humildade, os trajes antiquados, o olhar sereno — apesar de todas as agruras que, certamente, escreviam-se através das rugas em seu rosto. E, a considerar outros alunos ao seu redor, eu não era o único a sentir-me assim.

Futuros médicos, engenheiros e advogados desfilavam nas proximidades em poses mais ou menos soberbas naquela tormenta de hormônios de filhinhos-de-papai. A cabeça fervia de matérias escolares. Predominava o anseio em demonstrar uma independência que ainda não existia.

Seu Bernardo, em seu mundo de limitadas perspectivas, guardava uma sabedoria, calma e compreensão forjadas pelo brio da vida. Era uma ilha de tranquilidade num buliçoso oceano de vaidades.

Um dia, percebi junto dele um desses copinhos de caipirinha que a cantina usava para servir café. Estava vazio, porém, ao fundo, uma abelha insistia em absorver as últimas gotas. Eu sempre estranhara essa predileção. Às vezes, o líquido escuro ainda fumegava na cafeteira e logo surgia uma ou outra abelha a rodeá-la perigosamente num vôo de *kamikaže*. Fantasiava sobre

abelhas insones durante a noite, vasculhando em vão por néctar nas flores adormecidas.

— Abelha — aponteí.

— Sim — confirmou o velho.

— O senhor não entendeu. Vai picá-lo, Seu Bernardo.

— Não vai — discordou gentilmente, ajeitando o chapéu de feltro.

— Está só tomando café.

Franzi a testa, enfiando umas pipocas na boca.

— O senhor não vai espaventá-la?

Seus olhos denotaram surpresa, quase um choque diante de tal absurdo.

Senti-me um completo imbecil.

Todavia, aquele homem respondeu calma e pausadamente como se falasse a uma criança.

— Espero ela terminar para devolver o copo.

As rugas em minha testa devem ter se pronunciado, pois, excepcionalmente, ele acrescentou:

— As abelhas estão diminuindo por causa dos inseticidas e da falta das flores. Só estou ajudando...

Nesse verdadeiro discurso, tive um vislumbre mais íntimo daquele homem cuja altura mal ultrapassava os meus ombros.

Naquela época, a mortandade das abelhas e a destruição das colméias ainda não causavam alarde, pelo contrário, as pessoas viviam temerosas das abelhas africanas e, numa ignorância que sempre fora marca registrada da sociedade enquanto um todo, colocava-as todas em um mesmo saco.

"Acabem com elas!"

"Quem se importa se todas as abelhas sumirem do mapa?"

Havia pelo menos um alguém nesse mar de ninguém: o Seu Bernardo.

E eu — que lera pela primeira vez sobre as abelhas quando era criança, através de um dos volumes da *Enciclopédia Conhecer*, edição de 1969 — expusera todo o meu "vasto" saber ao comentar que o mel contido em uma única colher representava o labor de toda uma vida da abelha.

Seu Bernardo sorria benevolente e passara a falar sobre a importância da polinização, sua admiração pela dedicação desses insetos à labuta, sua complexa sociedade, as várias espécies e o rigor matemático das colméias. Sem mencionar a maravilha dourada que era o mel, o qual, apesar de tão doce, não estragava. Pela primeira vez, o monólogo fora dele. Havia vida no brilho desgastado em seus olhos e um conhecimento que ia muito além dos grãos de milho.

Contou-me que, em seu pequeno jardim, fornecia pequenas quantidades de mel para esses insetos. "Devolver o que lhes fora roubado", era o que dizia. O mel já não era barato naquela época, embora não chegasse aos pés dos preços estratosféricos que atingiria anos depois. A princípio, as abelhas custaram a aparecer. Havia tão poucas nos arredores! Todavia, a partir do instante em que uma delas descobriu o gesto de generosidade, logo tornaram-se freguesas habituais. E o seu sorriso abriu-se ao contar isso! As próprias plantas de seu jardim beneficiaram-se, pois certas abelhas aproveitavam-se para procurar o néctar nas flores e, assim, polinizava-as. O jardim tornou-se mais viçoso; e as flores, mais bonitas. Era o seu pequeno mundo; as abelhas, suas "filhas".

Por mais "aborrecente" que eu fosse e por mais simplório que fosse tal

relato, não deixei de apreender algo mais profundo naquilo, embora incapaz de traduzir os pensamentos em palavras. E não se tratava de um mérito meu, mas daquele senhor baixinho, de fala pausada.

Ainda meio sem jeito, Seu Bernardo mencionou o apelido que fora-lhe dado por uma das vizinhas: o "Senhor das Abelhas".

Por trás dos modos tímidos e fisionomia franca, havia um orgulho genuíno nesse título.

Certo dia, cheguei mais cedo ao cursinho. Havia comprado um vidro de mel e pretendia dá-lo ao Seu Bernardo. Porém, no pátio, não avistei seu carrinho. Dei de ombros, um tanto frustrado, e imaginei um contratempo qualquer. Durante o intervalo das aulas, ele também não apareceu e, após as aulas, já na Sala de Estudo, tampouco o vi. Fui perguntar na cantina, mas deram de ombros igualmente. Ninguém sabia.

Tornei a levar o vidro nos dias seguintes, mas ele não veio.

Somente na semana seguinte, eu soube, através de uma das senhoras que cuidava da limpeza da escola.

Àquela altura, eu supunha uma enfermidade ou algum problema de saúde decorrente da idade.

Contudo...

— Assalto. Invadiram a casa dele.

— Assalto? — falei, indignado.

Quem iria roubar um idoso que complementava a sua aposentadoria de fome com alguns trocados duramente ganhos como pipoqueiro? Mal sabia eu o quanto a incapacidade de um vigarista torna-lo-ia capaz de fazer. Os anos cuidariam de demonstrar, principalmente na política.

Vacilante, perguntei:

— E como ele está?

Ela balançou a cabeça negativa e pesarosamente, dando forma ao meu receio mais profundo.

Aquele que buscara a proteção do pátio da escola, receoso da violência, não encontrara segurança no conforto de sua própria residência.

Na verdade, não passávamos de estranhos um para o outro, a bem dizer, entretanto, lamentei muito por ele. Seus pais vieram de tão longe, além do oceano. Vidas inteiras de sacrifício para, no final, Seu Bernardo morrer nas mãos de um maldito vagabundo no bairro oriental da capital paulista.

— Não é justo — lamentei. Ah, sim, naquela época, eu era ingênuo e acreditava na justiça.

— Foi estranho — completou a mulher.

— Como assim?

Ela chamou-me mais para perto, como se estivesse prestes a confidenciar um segredo.

E cochichou:

— As abelhas...

— Eu sei. Ele gostava de abelhas. Eu até trouxera um pote de...

Ela não me deixou prosseguir.

— Não entende? As abelhas pegaram o ladrão.

Devo ter feito a expressão mais estúpida possível. Não consegui dizer nada na hora.

A senhora continuou:

— Seu Bernardo estava no quintal quando foi atacado. Imediatamente, as abelhas em seu jardim reagiram. Primeiro uma, depois duas, três, dez, cem. Todas rodearam e ferroaram o bandido. Ele, no desespero, disparou o revólver e a bala atingiu o Seu Bernardo.

— Que terrível!

Terrível e irônico.

— É verdade, mas o ladrão também teve um fim horroroso. Ouvi dizer que ele, depois do ataque, nem parecia mais ser gente: virou uma massa inchada e deformada, cheia de veneno.

Foi inevitável sentir uma dose de satisfação, o que não aliviou o sentimento de perda.

— Pena que a picada é o último recurso das abelhas. Depois que picam, o ferrão fica na pessoa, assim como uma parte de dentro delas. E elas morrem pouco tempo depois.

— Então, elas não pensaram duas vezes em dar suas vidas pelo Seu Bernardo.

— É o que parece — confirmei. — Tentaram salvar seu benfeitor.

Infelizmente, talvez tenham feito justamente o oposto e precipitado a morte do bom homem.

Foi encontrado no dia seguinte por aquela vizinha que o chamara de o Senhor das Abelhas. Mais de uma pessoa comentou ser o jardim de Seu Bernardo o mais bonito dos arredores. Aliás, somente a minoria das casas mantinha algum jardim, pois seus moradores ou os moradores antes deles haviam matado a terra, estrangulando-a sob um piso de concreto. Uma tendência que, infelizmente, seria reforçada nos anos seguintes.

O último milagre estava por vir.

Dessa vez, não me disseram.

Não.

Eu vi.

Outros também presenciaram.

Foi durante o enterro.

Não se soube de onde, mas, de repente, surgiu um enxame de abelhas. Milhares delas foram vistas seguindo o

caixão. Formavam uma massa compacta. Seu zumbido preenchia o ar.

As pessoas inquietaram-se.

— Não farão mal! — gritou alguém, sem muita confiança. — Seu Bernardo andava no meio delas sem proteção alguma e nunca foi picado.

— É o Senhor das Abelhas — acrescentou outra pessoa.

— Mas eu não sou! — disse um rapaz amedrontado, afastando-se.

E o enxame seguiu o caixão até o túmulo e por lá pairou. Após o enterro, as abelhas ainda ficaram um bom tempo ali, e não foi por causa das flores que as pessoas deixaram. Aliás, Seu Bernardo desaprovava esse costume de arrancar as flores.

— Não é um gesto de amor. É um gesto de morte — dissera um dia.

— Morte?

— Sim. Mata a planta e tira o alimento das abelhas.

Então, no fim daquele dia no cemitério, o enxame dispersou e sumiu para sempre.

As abelhas nunca mais retornaram ao pequeno jardim do Seu Bernardo.

Sem os devidos cuidados, as plantas definharam.

Finalmente, uma herdeira distante — com certeza julgando-se uma pessoa muito prática, além de detestar a "sujeira" que as plantas faziam —, mandou acabar com tudo, substituindo o jardim por um piso azulejado de sua preferência. Não demorou a vender a casinha.

Não tardou para o nome de Seu Bernardo cair no esquecimento.

A cidade tinha tanta pressa quanto carecia de memória.

O velho pipoqueiro não passou de um episódio entre milhares de outros que o bairro da Liberdade deixou de registrar.

Ao menos desse trecho da história, eu não somente tomei conhecimento, mas tive uma ínfima participação.

Nenhum outro pipoqueiro substituiu-o no pátio do cursinho.

De ninguém mais eu percebi tamanho amor às abelhas.

Os anos correram.

Passei no vestibular. Formei-me biólogo, especializado em entomologia.

Entre os milhões de espécimes de insetos existentes no planeta, os insetos sociais — abelhas, formigas, vespas e cupins — estão entre os meus favoritos. E, entre estes, as abelhas ocupam um lugar de destaque.

Parte da "culpa" aconteceu naqueles dias, agora distantes, quando um estudante um tanto displicente aproximou-se de um idoso espanhol de gestos comedidos e voz de primavera, sem saber que, de alguma maneira, as palavras semeadas por ele mudariam sua vida para sempre.

O velho pipoqueiro.

O gentil Seu Bernardo.

O Senhor das Abelhas.

NOTA DO AUTOR: No início dos anos 80, houve um Seu Bernardo no Curso Anglo-Latino da Rua Tamandaré, na Liberdade. Ele vendia pipocas no pátio inferior da escola. Era idoso. Era gentil. Não sei se cuidava de abelhas, mas, se o fizesse, eu não me surpreenderia. Tampouco me tornei biólogo. Mas eu gostava de trocar algumas poucas palavras com ele. E, quase quatro décadas depois, ainda me lembro.



Traveling Between Pages

www.travelingbetweenpages.com.br

Para os apaixonados por livros e entretenimento.

 /travelingbp  /travelingbetweenpages  /TravelingBP



www.livreando.com.br

Um blog sobre nossa maior paixão: Livros!

 /bloglivreando  /bloglivreando  /BlogLivreando

RETALHO INTANGÍVEL

por Roberto Schima



Conto

“Feriadão”.
Milhares de automóveis abandonaram a capital, ansiosos por espaço, tranquilidade e tempo.

Tempo para viver.

Tempo para respirar.

Tempo para sentir que a vida — por assim dizer — tinha algum um sentido.

Um sentido maior além do relógio de ponto, da monótona rotina de serviço, das mesmices nas conversas, das quatro paredes da sala com o noticiário da TV a regurgitar suas generosas porções de atrocidades.

E lá estava, após várias horas de trânsito, caminhões, buzinas, canos de escapamento, túneis, jovens imprudentes e crianças choraminguentas.

Lá estava...

... O mar.

Distante a princípio, distante da serra, da ainda luxuriante vegetação daquilo que sobrara da Mata Atlântica, delineando-se através da neblina que, lentamente desfazia-se como a realidade asfixiante dando lugar ao sonho.

— Meu Deus, que maravilha!

Lá estava, bem longe, dividindo todo aquele espaço com o céu. E o ar que vinha de longe... Que ar!

Mais algumas horas nervosas na rodovia, nos pedágios, mais uma canseira para livrar-se das bagagens, mais uns apertos na padaria ou supermercado subitamente lotados e, então, finalmente...

... A praia!

A praia recebeu aqueles milhares de visitantes com sua paciência de sempre. Viu-os correrem, pularem fazerem as selfies imediatamente encaminhadas à Internet para deleite, senão inveja, dos que não puderam viajar. Viu-os jogarem bola, gritarem, atirarem seus lixos pela areia, pisotear-na com suas milhares de pegadas a imitar garatujas de crianças travessas. Tentou conversar com elas, conforme sempre fizera, com ou sem platéia, fosse dia ou noite, através do corredor da eternidade. E falou e falou na sua voz de ondas, vento e espumas. A maioria não viu, tampouco ouviu, embevecida naqueles metros quadrados de areia aos quais nomeara temporariamente como o "seu" território, onde pulara, agitara, tagarelara, fizera-se feliz.

Eventualmente, um ou outro escutou. Fosse enquanto caminhava sem pressa, sentindo a água gelada lambe-lhe os calcanhares, deixando diluir a agitação, a impaciência, o tempo marcado, a vida teatralizada. Fosse sentado na areia, deixando a vista perder-se pela superfície do oceano até o horizonte tocar o azul do céu, enquanto o Sol criava uma cintilante estrada de luz sobre o mar. Alguns ouviram e, embora não pudessem traduzir em palavras a Voz do Oceano, deixaram-se embalar por ela, por seu som

muito antigo e confortador. E estes tiveram, num rápido vislumbre, uma dimensão mais ampla e verdadeira do mundo, da vida, de sua própria existência.

Mas o tempo, marcado ou verdadeiro, fluía sem parar.

Nem cruel, nem bondoso.

E rápido passou.

Fez deixar os retalhos de contemplação para trás.

Logo, era hora da multidão tirar suas últimas fotos, dar sua última bolada, arrancar seus últimos suspiros, exibir no Facebook sua derradeira gota de felicidade, fazer as malas e convergir para o caminho de volta e mais diversas horas de trânsito, suor, resmungos, fuligem e buzinas, para seus noticiários, seus relógios-de-ponto, suas escrivatinhas, divagando entre um telefonema ou outro sobre quando seria o próximo "feriadão". Quando poderiam reencontrar o arremedo de vida? Perguntariam a maioria — não com essas palavras, pois teriam certeza de ser verdadeira tal felicidade.

Quando poderiam reencontrar a vida? Indagariam uma minoria, aquela que vira, que ouvira, que, acima de toda a agitação que as acompanhara, compreendera a voz antiga e suave de um cenário primevo que, com suas areias — agora livres de todas as máculas — aguardá-los-ia novamente para vê-los reescreverem com os pés a infinitude de suas intangíveis histórias.



TOMO LITERÁRIO

Um blog sobre livros

www.tomoliterario.blogspot.com

 @Tomoliterario

 @Tomoliterario

 Tomo Literario

Lançamentos

Resenhas

Escritores

Indicações



por Roberto Schima

MATIZES DE PENUMBRA

Conto

Havia aqueles que acreditavam ser o Mal uma coisa palpável, uma entidade com ou sem forma, tão antiga quanto as primeiras luzes a emergir das trevas da Criação. Alguns imaginavam o Mal na forma de um ser chifrudo, cascos e tridente, torturando as almas dos pecadores em um reino de fogo e enxofre através do corredor da eternidade; ou criando ardis para que, em troca da ilusão de benefícios em vida, as pessoas assinassem com sangue um contrato através do qual doavam suas almas: um preço que não parecia ser tão caro assim. Ou, ainda, viam no Mal algo incorpóreo, uma sombra mais escura que a noite, fria, densa, mais aterrorizante do que fitar para o interior de um abismo

sem fim, e, por ser sem forma, poderia assumir qualquer coisa entre os piores pesadelos que o subconsciente pudesse gerar, estivesse esse Mal sob a cama ou no fundo do armário cuja porta ficara entreaberta, a espera, a espreita, vigiando.

Mas também havia o mal em carne e osso.

A História estava repleta de lastimáveis exemplos. Indivíduos, grupos ou nações inteiras que se dedicaram a fazer sofrer ou massacrar literalmente os mais indefesos, fosse por ganância ou pelo incomensurável anseio de poder. E esse mal, não raro, poderia ser mais amedrontador do qualquer monstro criado pela pena de um escritor ou

assombrações de um velho conto de fantasmas.

Os noticiários, habitualmente, regurgitavam doses diárias e generosas de atrocidades.

E o terror dos terrores era a banalização em que isso se transformara.

"Sombra".

Ele acreditava fazer parte disso, do mal real, o pavor em forma de gente.

Esse apelido fora dado pela imprensa a um criminoso desconhecido, extremamente cruel, que não se limitava a assaltar residências, praticando toda a sorte de abusos a quaisquer pessoas inocentes que lá estivessem. Não costumava deixar pistas, exceto uma vez, uma única vez, quando escreveu uma mensagem na parede com o sangue da vítima:

*"A dor e o terror são os meus alimentos.
Sinto fome."*

E todas as evidências apontavam para isso.

Invadia as residências de classe média alta, burlava seus sistemas de alarme e roubava tudo o que conseguia carregar, demonstrando conhecer pormenorizadamente os detalhes da casa como se fosse um frequentador habitual. Isso fazia dos empregados da família os primeiros suspeitos, senão ativamente, na qualidade de informantes. Geralmente, os moradores encontravam-se fora, viajando, o que só aumentava a desconfiança em relação a alguém muito próximo, talvez algum vizinho. Como poderia saber não ter ninguém na casa?

Entretanto, se acontecia de haver...
infeliz dessa pessoal!

Os homens, geralmente, encontravam rapidamente o fim.

Sombra preferia utilizar uma arma branca por ser silenciosa, porém, como fazia muita sujeira e as possibilidades de deixar rastros eram maiores, se o sujeito fosse mais fraco, apelava para um garrote. Era mais demorado, todavia, tornava a coisa mais íntima, dava-lhe uma satisfação maior sentir a vida da vítima esvaír-se lentamente através de suas mãos. Quase podia adivinhar o momento exato em que o coração deixava de bater e o brilho de vida tornar-se opaco nos olhos do desafortunado.

Certa feita, um desses homens desfalecera e, antes de concluir o homicídio, Sombra detivera-se. Uma idéia perversa brotara-lhe na mente. Amarrara o desgraçado a uma cadeira, utilizando-se de fios telefônicos e o que mais encontrara pela frente, amordaçara-o e aguardara a pobre criatura voltar a si. Era de madrugada e sabia dispor de tempo. Pelos documentos, Sombra soubera-lhe o nome e profissão: Jacelson, gerente de um banco famoso. Pusera-se a rir.

— Que raios de nome é esse? —
perguntara à vítima.

O infeliz estava aterrorizado demais para responder e, ainda que pudesse, a mordaca não permitiria. Limitara-se a gemer. Seus olhos arregalados rodaram nas órbitas como se quisessem fugir do rosto. Ao mesmo tempo, não conseguiram desprender-se daquela figura: as feições descarnadas meio ocultas pelos cabelos compridos e óculos escuros, o gorro, as luvas. As roupas tão negras quanto a noite a correr do lado de fora de sua casa, numa

lentidão de sonho. Um pesadelo do qual não conseguira despertar.

— Seus pais não deviam gostar de você para te batizar desse jeito — prosseguiu o criminoso. A voz era rouca, sinistra e divertida... E isso era o mais aterrador. — Jacelson... Será uma mistura de Jacqueline com Nelson?

E rira outra vez.

— Não tem importância... Não tem mais. Tem assediado moralmente os seus funcionários? Ah, eu sei que sim.. Todo gerente faz isso, não faz? Metas! Metas! Metas! Eu também tenho uma meta para você...

Sem pronunciar mais nada. Vagarosamente mostrara a Jacelson o que tinha em mãos: um saco plástico. Avançara pouco a pouco, permitindo a compreensão destilar-se gota a gota no cérebro de sua vítima. Por fim, quando o alcançara, Jacelson agitara-se desesperado. Aquilo não podia estar acontecendo! Forçara braços e pernas, o tronco, o corpo todo o mais que pôde. Caíra de lado num baque surdo no piso de tacos, batendo a testa. As veias saltaram-lhe do pescoço e das têmporas. A respiração tornara-se ruidosa, ofegante.

Fora tudo inútil.

Vira os lábios do outro sorrirem. Fora o sorriso mais medonho e cruel que já testemunhara na vida. Desmentiram o brilho daquele olhar, absolutamente frio.

O saco plástico fora-lhe pacientemente enfiado na cabeça e preso ao pescoço com inúmeras voltas de fita adesiva.

Sombra tornara a erguer o gerente e a cadeira, colocara-se diante dele e, através do saco plástico já todo embaçado e aquecido por dentro, observara a lenta agonia do outro, enquanto o ar pouco a pouco lhe faltava

e a vida esvaía. O assassino saboreara minuto a minuto, cada arfar suado. O saco enchera e murchara, enchera e murchara, enchera e murchara. E Sombra sussurrara perto do ouvido de Jacelson:

— Sua meta é sobreviver dez minutos...

Haveria, então, um limite, uma esperança? Jacelson gerente experiente, apelara a toda a sua frieza profissional para se controlar. Talvez se prendesse a respiração e soltasse devagar, o oxigênio durasse mais. Pensara em Laura, a "japonesinha" que trabalhava de caixa e a qual intimidara a ponto de fazê-la chorar porque o saldo final não batera. Sim, precisava conter-se, ser frio e implacável. No final, quem sabe, teria uma chance contra o crápula a sua frente. Os fios estavam ficando frouxos em seus punhos, não estavam? Sim, controle, controle... **CONTROLE!**

No arrastar de uma eternidade, o gerente ouvira a voz rouca e distante do invasor:

— Dez minutos. Impressionante! Parabéns, Jacelson, o gerente, atingiu sua meta.

"Sim, a meta, a preciosa meta. Agora, rasgue esse maldito saco!"

Sombra levantara-se.

Jacelson só pudera adivinhar o vulto negro diante de si através do plástico embaçado.

"Sim, corte o saco. Corte essa porcaria de saco!"

Em vez disso, o gerente sentira o fortíssimo impacto de um soco em seu estômago.

— Cansei da brincadeira. Agora que cumpriu a meta, dê-me a satisfação final: mostre-me que sabe morrer.

Toda a sanidade e toda a esperança abandonaram repentinamente o gerente. Fora tomado pelo completo pânico, o terror puro, destilado, espremido de sua alma num líquido viscoso e escuro. O mínimo de oxigênio esgotara-se rapidamente. Não conseguira enxergar mais nada através do plástico molhado. E, finalmente, no derradeiro exalar, a última imagem vislumbrada por Jacelson fora a da jovem caixa sansei, não mais em prantos, outrossim, sorrindo.

Sombra desfrutara cada segundo. Seu nível de prazer atingira outro patamar. A dor e o terror alimentara-o. Entretanto, fora uma tortura um tanto passiva de sua parte. A falta de ar fora a responsável pela morte do gerente, e não suas mãos. A satisfação não fora completa.

Por isso, sua preferência eram as mulheres, quando podia. Eram mais suscetíveis ao medo, mais frágeis e mais vulneráveis. Regojizava-se nas ondas de pavor que elas geravam. Nutria-se delas. Havia ainda o bônus de uma satisfação pervertida, sexual; o desejo crescente a medida em que suas mãos percorriam cada centímetro quadrado da pele arrepiada da vítima, deliciando-se do calor, da maciez e do tremor antes do inevitável e delicioso fim.

O mundo moderno facilitara muito o trabalho de Sombra.

A princípio, ele escolhia as suas vítimas em anúncios de jornal. Algumas mulheres eram tão ingênuas que não somente mencionavam o artigo colocado a venda como forneciam o seu endereço. Obviamente, Sombra dava preferência aos bens mais valiosos e fazia campana durante dias nos arredores da casa da

vítima a fim de conhecer-lhe os hábitos. Depois, atacava.

Hoje, a coisa facilitara sobremaneira a ponto de tornar-se quase ridícula. Através da *Internet*, as pessoas compartilhavam fotos pessoais, suas vidas, suas intimidades a quem quisesse ver, ouvir e desfrutar. Pensavam digirir-se somente a "amigos", todavia, mantinham-se abertas a, literalmente, o mundo todo, a toda sorte de gente, boas e más. E a maldade vivia faminta.

Para o Sombra, navegar pelo computador era como apreciar as vitrines de um *shopping center*. Mais seletivo, dava preferência a jovens bonitas, de famílias ricas. E não havia limite para o quanto certas garotas desejavam exhibir-se e a àquilo que faziam ou possuíam. Colocar no campo de busca algo como "*Tour* pela minha casa" era um prato cheio, quase um guia turístico. Podia-se ver tudo: elas próprias, seus gostos pessoais, o interior de seu quarto, as outras dependências, seus dados pessoais, até onde moravam — senão diretamente, entrecruzando as informações que a bonequinha ia postando ao longo do tempo.

Foi quando Sombra a descobriu.

Nas redes sociais, a beldade nórdica exibia a sua coleção de jóias.

Era bom demais para ser verdade.

Anéis, braceletes, broches, colares e tiaras.

E havia pinturas valiosas, ouro e prata.

E ela ia mostrando tudo enquanto passeava pela casa — mansão, melhor dizendo. E Sombra anotava cada detalhe, revisando as fotos e os vídeos diversas vezes. Pausando, ampliando, atento a minúcias, a possíveis alarmes, cães de

segurança, pontos de entrada e saída, rotas de fuga.

Não obstante, o que chamou-lhe mais a atenção foi a própria futura vítima.

— Como você é saborosa! — sussurrou para si, na obscuridade de seu esconderijo

Passou de leve a língua pelo lábio inferior. E, enquanto ia arquitetando o seu plano, fantasiava todas as diabruras que pretendia fazer a fim de desfrutar cada segundo junto daquela mulher. A mistura de dor e volúpia era tanta que chegava-lhe a arder a virilha.

— Ah, o que seria do bem se não fosse o mal!

Era tarde da noite.

Sombra, a essa altura, já sabia de cor: ela estaria sozinha. Apesar de jovem, era viúva. Não tinha cães de guarda. Não havia grades nas janelas. Somente o muro alto e uma cerca de arame farpado protegia a residência.

Era muita inocência. E hoje, a beldade rica e solitária iria pagar o preço.

O desejo queimava dentro de Sombra.

A dor e o terror o alimentava.

Estava faminto.

A noite descera ruidosamente e, apesar desse contratempo, intimamente, Sombra até agradecera. A chuva significaria nenhuma pessoa na rua. Seria mais fácil cortar o arame farpado e pular o muro num canto escuro, escolhido previamente pela sombra produzida por uma árvore sob a fraca iluminação pública.

Uma sombra para o Sombra.

De fato, bastaram poucos movimentos para ele encontrar-se no gramado do enorme quintal da mansão.

Percebeu casualmente que a baixa vegetação carecia de cuidados.

O temporal caía pesado e, não fosse pela capa, estaria completamente encharcado. Em seus estudos da casa não percebera câmeras, todavia, pelo sim, pelo não, correu rente ao muro, buscando os locais mais escuros.

Somente algumas luzes no interior da mansão estavam acesas, inclusive uma do térreo que ele sabia ser a sala e outra no recinto ao lado, onde ficava a biblioteca e o computador de onde a jovem madame escrevia em seu perfil na *Internet*.

Aproximou-se sorrateiro da vidraça da sala.

E a viu.

Era muito mais bela pessoalmente e usava um *negligee* branco, bastante fino, que mais revelava do que escondia. Realçava todo o contorno do corpo dela. Estava completamente nua por baixo e a atenção do assassino foi atraída para os diferentes matizes de penumbra sob o tecido — ora esvoaçante, ora colando-se à pele —, principalmente para os detalhes mais escuros. Cerrou as mãos com força para se concentrar.

"Ah, é um presente, um maravilhoso brinquedo com o qual irei me divertir por um longo tempo. Quase me faz lamentar ter de destruí-lo no final."

Em passadas largas, a mulher desapareceu em direção à biblioteca, fechando a porta atrás de si.

Sombra estava excitado, e não havia apenas uma conotação sexual nisso. Era a alegria pura de um sádico a antever os próximos momentos.

Reuniu forças e observou a sala mais uma vez. Avistou um quadro de Monet na parede principal. Em um canto

obsuro, havia um outro, uma natureza morta de autor desconhecido. Era uma peça ordinária sem qualquer atrativo, exceto pelo fato de ser lá que o falecido marido ocultava o cofre. Agora, guardava as jóias mais preciosas da mulher e muito dinheiro.

"Ao trabalho", pensou consigo. Foi até a varanda e, sob janela da cozinha, então às escuras, retirou sua capa de chuva e escondeu-a atrás de um vaso. Abaixou o seu gorro negro, na verdade uma máscara, e colocou os óculos escuros. Apanhou um cortador de vidro e, cuidadosamente, traçou um círculo. Depois, meteu a mão pelo orifício e destrancou cuidadosamente a janela, entrando na cozinha feito um enorme gato preto.

De imediato, notou algo estranho. Um cheiro.

Não era forte, mas um odor penetrante, desagradável. Algum alimento estragado talvez. Não seria de admirar. Definitivamente, dotes culinários não aparentavam ser o forte daquela deusa loura.

"Se há uma doméstica durante o dia, precisa de umas palmadas."

Atravessou a cozinha até a divisa da sala. De lá, teve uma boa visão do recinto e, principalmente, da porta da biblioteca — cortesia da jovem viúva ao divulgar um vídeo do *tour* realizado pelo interior da mansão. Tudo transpirava a luxo e bom gosto.

A mulher continuava na biblioteca e Sombra julgou ouvir um leve som de teclado. Sorriu consigo. Como é que diziam? Mais fácil do que tirar o doce de uma criança...

Nesse caso, porém, o doce era a própria criança.

Tirou a faca da cintura, sua velha amiga de muitas histórias. Essa noite, ganharia mais uma marca em seu cabo.

"Apenas após o divertimento."

Sentiu-se momentaneamente despido ao sair da escuridão da cozinha para a claridade da sala. Caminhou lentamente em direção à biblioteca, ouvidos atentos. Não escutava mais o som do teclado. Todavia, o odor enjoativo não apenas persistia, estava mais forte.

Encontrava-se quase no meio da sala quando, subitamente, um relâmpago clareou todo o gramado e o estrondo do trovão fez as vidraças estremecerem.

Todas as luzes se apagaram.

Apesar do sobressalto, Sombra achou a escuridão bem-vinda. Era o seu elemento.

Foi dar mais um passo quando algo o atingiu em cheio na nuca, fazendo-o perder a consciência, substituindo uma escuridão por outra.

E uma escuridão mais fria, antiga e profunda que as anteriores principiou-se a tomar forma.

Uma rajada de vento rastejara pelo chão.

Apesar do vestido longo de seda, ela sentira a friagem subir pelas pernas, arrepiando-a por inteiro.

O nevoeiro se agitara no gramado e por entre as árvores, inquieto diante da intrusão.

O que estaria fazendo aquela jovem ali no jardim, naquele horário da madrugada? Para quê a pá em suas mãos? E aqueles sacos pretos, o que seriam? Cada qual trazia um volume, pois, de tão pesado, fora obrigada a dividir em partes...

Árvores sinistras dobraram-se em seu caminho, como se quisessem apanhá-la, tocá-la, profanar a aparente inocência da tez pálida e morna.

O coração batera-lhe ligeiro no peito. Podia sentir os mamilos enrijescidos pressionados contra o tecido. Fora quando, perdida entre a excitação e o medo, subitamente, mais sentira do que vira a figura escura formar-se diante de si, moldada pela friagem, pela névoa, pelas sombras e pelas árvores do vasto jardim. Trouxera uma das mãos até os lábios, hipnotizada, a língua úmida prisioneira entre um lamento e um gemido. Mordiscara o lábio inferior, indecisa.

Da escuridão mais além, ainda sem forma definida, a voz feita de muitas vozes ordenara das profundezas:

— Venha...

E, ainda de pé, ela principiara a morrer.

Sua vista demorou a habituar-se a escuridão.

A cabeça doía como se um ferro em brasa tivesse sido plantado em seu cérebro.

Estava deitado no piso da sala.

As luzes continuavam apagadas, porém, de algum jeito, conseguia divisar o lustre, a moldura de gesso do teto e, de soslaio, a parede mais próxima. Somente de soslaio, pois não conseguia virar a cabeça.

Não estava amarrado, porém, não se conseguia mexer.

Não se encontrava amordaçado e, não obstante, a voz rouca lhe faltava.

Agora, o fedor beirava o insuportável.

Sentia frio, muito frio.

Num canto do teto, imerso na penumbra, havia uma escuridão. Era

diferente de tudo o que Sombra vira ou experimentara na vida. E ele acreditava conhecer as trevas como ninguém. Era a Escuridão com "E" maiúsculo devido a sensação de presença que provocava. E as margens daquele abismo sem forma, denso e impenetrável, ondulava como as batidas de um coração, como... como... se respirasse.

E o Sombra ouviu das sombras:

— *Despertaste, enfim...*

Viu a mulher aproximar-se em seu *negligee*. Sua voz soara estranha, tanto aguda quanto grave. Diferentes frequências misturaram-se feito um coro de vozes em uníssono. Trazia algo em uma das mãos, perceptível somente através dos contornos: uma serra.

Ela era somente um vulto entre vultos.

Mas o Sombra sentiu vir de longe, de lá do fundo de sua alma, daquelas profundezas escuras e silenciosas cuja emoção ele sempre julgara não existir. E apareceu. Emergiu. E, finalmente, o psicopata sentiu aquilo que amava fazer sentir...

... Medo.

Um horror maior do que nenhuma de suas vítimas jamais sentira, nem no estertor do primeiro passo no vale da morte. A semente primitiva da loucura, da insanidade, do desespero. Germinava. Crescia. Desenvolvia-se. E era gélida, fétida, malevóla e imunda. Tão desapiedada quanto o Sombra em seus piores momentos jamais chegara a ser.

"Misericórdia... O fedor emana da mulher!"

A deusa nórdica abaixou-se e, da penumbra, o Sombra teve a visão daqueles olhos grandes e completamente opacos, sem brilho. Olhos frios. Olhos mortos.

E a loucura desvairada dançava ao redor.

E a Escuridão pulsava e pulsava na cadência de seu coração.

E a voz de diversas vozes tornou a falar através dos lábios carnudos e sem vida:

— *Usamos tu como instrumento. Tua vontade tornou-se a nossa vontade; tua agonia, a nossa alegria; teu desespero eterno, a nossa força e energia. E essa coisa que um dia foi uma mulher tem nos auxiliado muito desde que a colhemos no jardim.*

Fez uma pausa. Parecia esperar que o criminoso assimilasse suas palavras.

E a voz, muito antiga, continuou:

— *Inúmeras almas apodrecem sob o gramado, todas como tu, sedentas de riqueza, ódio e prazer carnal, exceto o marido dessa criatura cobiçosa. Pois tu, que se julgas sombra aprenderás sobre a escuridão. Tua carne apodrecerá sob a terra e a tu ser-te-ás negado o privilégio de não o presenciar. A tudo perceberás: o suplício, o odor, os gases, os vermes. E nós nos regozijaremos. Pois a dor e o terror são nossos*

alimentos. Desde o Princípio sentimos fome. Temos a noite inteira para nos saciar; e tu, a eternidade para desfrutares...

A Escuridão cresceu — aproximou-se — envolvendo o Sombra e aquilo que um dia fora uma bela e ambiciosa mulher em um abraço gelado e completamente desprovido de luz.

Vagarosamente, o Sombra sentiu a coisa de cabelos dourados apanhar sua mão. A bile subiu-lhe pela garganta e lá ficou, assim como ficara a sua voz.

E a repulsiva criatura principiou a mutilar o assassino, serrando-lhe lentamente os dedos um a um.

Nenhum grito pôde ser emitido.

Somente a angústia de uma alma na absoluta insanidade expressava o seu horror.

A Escuridão sorveu o sofrimento como quem saboreava um cálice de vinho.

E a chuva, agora tépida, prosseguiu noite adentro, molhando calidamente o revolvido gramado do jardim.



POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 57 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 37 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieitorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com